



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM BIBLIOTECONOMIA**

**FRANCISCO LEANDRO CASTRO LOPES**

**JUAZEIRO DO NORTE - CE**

**2020**

FRANCISCO LEANDRO CASTRO LOPES

A CLASSIFICAÇÃO DA LITERATURA ERÓTICA E A ÉTICA NA  
REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Cariri, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Biblioteconomia.

Área de Concentração: Biblioteconomia na Sociedade Contemporânea.

Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Memória.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gracy Kelli Martins Gonçalves.

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2020

Dados Internacionais de Catalogação na  
Publicação. Universidade Federal do Cariri.  
Sistema de Bibliotecas

---

L852c      Lopes, Francisco Leandro Castro.  
              A classificação da literatura erótica e a ética na representação da informação /  
Francisco Leandro Castro Lopes. – 2020.  
              85 f.: il. color.30 cm.  
              (Inclui bibliografia).

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Cariri, Mestrado em  
Biblioteconomia, Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB),  
Juazeiro do Norte, 2020.

Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gracy Kelli Martins Gonçalves

1. Organização e representação da Informação e do conhecimento. 2.Literatura  
erótica. 3. Sistemas de classificação. I. Título.

CDD 025.3

---

Bibliotecária: Glacínésia Leal Mendonça  
CRB 3/ 925

FRANCISCO LEANDRO CASTRO LOPES

A CLASSIFICAÇÃO DA LITERATURA ERÓTICA E A ÉTICA NA  
REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Cariri, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Biblioteconomia.

Área de Concentração: Biblioteconomia na Sociedade Contemporânea.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gracy Kelli Martins Gonçalves  
Orientadora (PPGB/UFCA)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cleide Rodrigues Bernardino  
Avaliadora Interna (PPGB/UFCA)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria do Socorro Pinheiro  
Avaliadora Externa (MIHL/UECE)

A Deus.

Aos meus pais, Maria (*in memoriam*) e Vicente.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora Gracy Kelli pela paciência e grande colaboração para conclusão desta pesquisa.

Às professoras avaliadoras pela colaboração e participação na banca de qualificação e defesa da dissertação, pelas informações e materiais fornecidos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia que facilitaram o conhecimento no decorrer dessa trajetória.

Aos gestores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Cedro e Campus Iguatu pelo incentivo a continuar nossos estudos.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente nessa formação.

“Porque há desejo em mim, é tudo cintilância./ Antes, o cotidiano era um pensar nas alturas/ Buscando Aquele Outro decantado/ Surdo à minha humana ladradura./ Visgo e suor, pois nunca se faziam./ Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo/Tomas-me o corpo./ E que descanso me dás/ Depois das lidas./Sonhei penhascos/ Quando havia o jardim aqui ao lado./Pensei subidas onde não havia rastros./ Extasiada, fodo contigo /Ao invés de ganir diante do Nada” (HILST, 1930 - 2004).

## RESUMO

Visa pesquisar no âmbito da Organização e Representação de Informação as particularidades voltadas especificamente para a Classificação de obras de teor erótico. Em seu percurso teórico, relata uma breve história da classificação e sua importância para a Biblioteconomia, trata sobre a definição e características da classificação e explana sobre os pontos advindos da literatura erótica e como ela é vista por estudiosos e leigos. Tem como objetivo geral: Discutir como a representação temática da literatura erótica, por meio do uso da classificação, tem sido abordada e trabalhada pelas bibliotecas das Instituições Federais de Ensino Superior do Ceará; e, como objetivos específicos: Delinear as características da literatura erótica como material informacional; Discutir a ética informacional nos processos de organização e representação da informação; Identificar como as obras são classificadas pelas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) do Estado do Ceará; e, Propor uma tabela de classificação bibliográfica indicativa para obras de literatura erótica. Para o alcance dos objetivos foi utilizado o método dialético para discussão de fatos e o entendimento dos assuntos tratados na pesquisa, que possui um caráter exploratório por compreender a organização e representação a partir de sistemas de classificação, com um estudo baseado na ética dos processos de representação da informação, que envolve a classificação de obras de teor erótico. Para tanto será utilizada a pesquisa bibliográfica e o levantamento de obras classificadas em bases de dados de universidades públicas do Ceará de livre acesso, fazendo uma análise de conteúdo quanto à forma de representação de obras de literatura eróticas a partir das suas respectivas classificações nos sistemas das bibliotecas investigadas. Contudo, a análise aponta que as bibliotecas não classificam as obras de acordo com a classificação científica indicada, o que aponta a necessidade de orientações para a atribuição da classificação com base no perfil dos usuários das bibliotecas. O produto final resultou num Guia para classificação indicativa das obras eróticas, com base no Código CDD e na Tabela indicativa de TV, desenvolvida pelo Ministério da Justiça, a fim de auxiliar no momento de classificação destas obras.

**Palavras-chave:** Literatura erótica. Organização e Representação da Informação e do conhecimento. Sistemas de classificação. Classificação da literatura erótica. Ética na informação.



## ABSTRACT

It aims to research in the scope of the Organization and Representation of Information the particularities directed specifically to the Classification of works of erotic content. In its theoretical journey, it tells a brief history of classification and its importance for Librarianship, deals with the definition and characteristics of classification and explains the points arising from erotic literature and how it is seen by scholars and lay people. Its general objective: To discuss how thematic representation of erotic literature, through classification, has been approached and worked on by the libraries of the Federal University Education Institutions of Ceará; and, as specific objectives: Demarcate the characteristics of erotic literature as informative material; Discuss informational ethics in information organization and representation processes; Identify how the works are classified by the Federal University Education Institutions (FUEI) in the State of Ceará; and, Propose an indicative bibliographic classification table for works of erotic literature. To achieve the objectives, the dialectical method was used to discuss facts and understand the subjects covered in the research, which has an exploratory character because it includes the organization and representation from classification systems, with a study based on the ethics of the representation processes of information, which involves the classification of works with erotic content. For this purpose, bibliographic research and survey of works classified in databases of public universities in Ceará will be used, making a content analysis about the form of representation of works of erotic literature from their respective classifications in systems of the investigated libraries. However, the analysis points out that libraries do not classify works according to the scientific classification indicated, which points to the need for guidelines for assigning the classification based on the profile of library users. The final product resulted in a Guide for the indicative classification of erotic works, based on the DDC Code and the TV Indicative Table, developed by the Ministry of Justice, in order to assist in the classification of these works.

**Keywords:** Erotic literature. Organization and Representation of Information and Knowledge. Classification systems. Classification of erotic literature. Ethics in information.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Conceito de Organização e Representação da Informação e do Conhecimento.....	15
Quadro 2 - As classificações documentárias utilizadas em bibliotecas.....	19
Quadro 3 - Tabela ilustrativa com os estilos e seus, respectivos, gêneros na literatura erótica.....	38
Quadro 4 – Análise de obras pesquisadas nos catálogos da UFC, IFCE, UFCA e UNILAB.....	48
Figura 1 – Pesquisa da obra no catálogo <i>online</i> da base da Biblioteca da UFC: A casa dos Budas Ditosos.....	45
Figura 2 – Pesquisa da obra no catálogo <i>online</i> da base da Biblioteca do IFCE (Campus Fortaleza): A casa dos Budas Ditosos.....	46
Figura 3 – Pesquisa da obra no catálogo <i>online</i> da Biblioteca do IFCE (Campus Canindé): A casa dos Budas Ditosos.....	46
Figura 4 – Pesquisa da obra no catálogo <i>online</i> da Biblioteca IFCE (Campus Quixadá): A casa dos Budas Ditosos.....	47
Figura 5 – Pesquisa da obra no catálogo <i>online</i> da Biblioteca do IFCE (Campus Acaraú): A casa dos Budas Ditosos.....	47
Figura 6 – Os símbolos da Classificação Indicativa na TV brasileira.....	52
Figura 7 - Livro ganha selo de advertência.....	53
Figura 8- Classificação indicativa brasileira.....	55

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 Objetivos.....</b>	<b>13</b>
<i>1.1.1 Objetivo geral.....</i>	<i>13</i>
<i>1.1.2 Objetivos específicos .....</i>	<i>13</i>
<b>2 OS PROCESSOS DE ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Os sistemas de classificação.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 Sobre a classificação Decimal de Dewey.....</b>	<b>22</b>
<b>3 A ÉTICA NA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO E O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO.....</b>	<b>25</b>
<b>3.1 Ética no fazer bibliotecário.....</b>	<b>27</b>
<b>4 LITERATURA ERÓTICA NA BIBLIOTECA .....</b>	<b>33</b>
<b>5 PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>42</b>
<b>5.1 Etapas da pesquisa .....</b>	<b>42</b>
<b>5.2 Análise dos dados.....</b>	<b>47</b>
<b>6 PROPOSTA METODOLÓGICA: GUIA DE CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DE LITERATURA ERÓTICA.....</b>	<b>51</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>63</b>
<b>APÊNDICE A - EXEMPLOS DE CLÁSSICOS DA LITERATURA ERÓTICA.....</b>	<b>63</b>
<b>APÊNDICE B - GUIA DE CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA PARA LITERATURA ERÓTICA EM BIBLIOTECAS.....</b>	<b>67</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho destina-se aos profissionais em Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação, e trata dos processos de representação da informação da literatura erótica, sua definição e como lidar com ela de maneira ética, principalmente a partir das práticas profissionais, visando a melhor forma de realizar a sua classificação garantindo a identificação, o acesso e o uso dessas obras, mediante suas especificidades. Os primeiros relatos sobre pseudo classificações (aparentes classificações) datam antes da era cristã, de acordo com Piedade (1977).

As lógicas de classificação existem desde quando o homem se preocupou em estabelecer algum tipo de ordem ao conhecimento como um todo. Seja com a finalidade de organizar as ciências ou de organizar uma coleção de biblioteca, os sistemas de classificação foram sendo desenvolvidos pelos sábios, pensadores, livreiros e pelos responsáveis e proprietários de acervos bibliográficos (SALES, 2008, p. 26).

Os primeiros registros identificam tabletas de argila (livros da época), da Biblioteca de Assurbanipal (ca. 690 a.C. — 627 a.C.), que eram divididos em dois grandes grupos: Ciências da Terra e Ciências do Céu. Callimachus (310 a.C.- 240 a.C.), poeta e sábio Grego, chamado de primeiro bibliotecário e chefe da biblioteca de Alexandria, publicou um catálogo intitulado Pinakes, no terceiro século a.C., onde os livros eram divididos a partir do tipo de escritores: Épicos, Cômicos, Trágicos, Ditirambos, Legisladores, Filósofos, Geométricos, Matemáticos, Historiadores, Oradores e Escritores de tópicos diversos.

Piedade (1983, p. 69) ressalta que,

A prática de dividir os documentos pelo tipo dos autores foi frequentemente encontrada em bibliotecas antigas. Pouco ou nada se sabe sobre a organização das bibliotecas gregas e romanas, mas Sayers considera que um povo que contou com uma mente tão inclinada para a classificação como Aristóteles, não poderia deixar de ordenar suas bibliotecas.

Na idade Média, entre os séculos V a XV, surgiram as bibliotecas medievais, encontradas em mosteiros e em ordens religiosas da época, que tinham os livros ordenados por tamanho, por ordem alfabética dos nomes dos autores e/ou até mesmo em ordem cronológica. Diemer (1974 apud Pombo, 2003, p. 02), evidencia que os sistemas de classificação foram orientados por diferentes fases do desenvolvimento histórico das

classificações, a saber: “[...] a orientação ontológica (classificação dos seres), uma orientação gnosiológica (classificação das ciências), uma orientação biblioteconômica (classificação dos livros) e uma orientação informacional (classificação das informações) ”.

Em um primeiro momento, a classificação dos seres surge das preposições de Aristóteles e se expande no estudo classificatório dos seres nas ciências, onde pode-se observar sua estruturação a partir das taxonomias da biologia, por exemplo. A classificação dos saberes está voltada ao estudo da classificação das ciências, com foco nas inferências filosóficas dos produtos e atividades científicas que visam especificar as áreas do conhecimento. O terceiro e quarto momento, classificação dos livros e das informações, propiciam o surgimento da ciência da classificação, “[...] um novo domínio científico que tem por tarefa o estudo de todos os possíveis sistemas de classificação”(POMBO, 2003, p.3).

Destas últimas, destacam-se as classificações biblioteconômicas, com sua estrutura pragmática, diferenciando-se das anteriores, que são consideradas esquemas globais e sistemas teóricos. As classificações biblioteconômicas, por sua vez, se apresentam em estruturas detalhadas, com propostas hierárquicas minuciosas e domínios restritos, “[...] em geral acompanhadas de um código em que cada classe é designada por um símbolo (veja-se o caso da classificação decimal de Melvil Dewey) ” (POMBO, 2003, p. 12).

O primeiro sistema de classificação documentária a utilizar números decimais, estruturados em combinações e hierarquias, para registro das notações de classificação aplicadas aos documentos de bibliotecas foi desenvolvido por Melvil Dewey em 1876, que originou a Classificação Decimal de Dewey (CDD). No final do século XIX, os belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine lançam a Classificação Decimal Universal (CDU), inspirada na CDD, porém com um sistema de notação formado por sinais auxiliares que indicam números e aspectos especiais de um assunto ou relações entre assuntos, a partir do entendimento dos vários suportes de documentos, que não só livros em bibliotecas.

Segundo Piedade (1983, p. 16) “[...] classificar é dividir em grupos ou classes, segundo as diferenças e semelhanças”. A Biblioteconomia tem em seu arcabouço teórico-prático uma forte vertente de estudos e uma extensa tradição, principalmente na formação profissional, voltada para a Organização e Representação da Informação, considerada área nuclear, tendo em vista que é responsável pela mediação entre a produção, o acesso e o uso da informação (GUIMARÃES, 2008).

Com sua estreita relação com a Ciência da Informação, a Biblioteconomia também adquiriu características interdisciplinares e associou-as às suas atividades, centradas em analisar, coletar, classificar, manusear, armazenar, recuperar e disseminar as informações, permeadas por inúmeras questões que envolvem a representação e organização da informação, a exemplo das classificações.

As classificações têm o objetivo de identificar o assunto do documento, para que ele possa ser posto em local determinado nas estantes, junto com outros documentos com assuntos semelhantes. Facilitando assim, a busca do livro pelo bibliotecário e pelo usuário da biblioteca, evitando perda de tempo (SILVA, 2012, p.2).

Entre a diversidade de materiais disponíveis nas unidades de informação, debruçamos nosso olhar sobre as produções classificadas pelo gênero literário como literatura erótica, que perpassam por questões que envolvem a ética e a tomada de decisão, quanto à disponibilização dessas publicações, para definir que obras serão, ou permanecerão, inseridas no acervo.

Para manter um certo conservadorismo em relação ao acervo, e até por não saber como proceder quanto à classificação de obras de teor erótico, principalmente quanto à faixa etária permitida, muitas vezes o bibliotecário descarta, esconde ou dificulta o acesso aos documentos com gênero literário erótico, através da classificação dada a eles.

Entre os questionamentos que surgem em torno dessa situação, está aquele que indaga se realmente uma obra de conteúdo erótico deve estar disponível ao usuário, já que pode ferir as questões morais de determinadas instituições. No entanto, o profissional não deve esquecer que um dos princípios da profissão é promover ao usuário o acesso à informação, atendendo as suas necessidades informacionais. Nesse caso, é necessário que o profissional saiba como proceder na organização do acervo e as limitações de acesso a materiais considerados impróprios para determinadas idades, não tolhendo o acesso àqueles que têm idade permitida para realizar a leitura dessas publicações.

Diante de tal exposição, esta discussão nos leva aos seguintes questionamentos: como as atividades desenvolvidas no âmbito da biblioteca podem barrar ou liberar o acesso à informação, no que diz respeito ao material informacional de cunho erótico? Qual base, considerando as diretrizes do Código de Ética Profissional, deve orientar o bibliotecário em uma tomada de decisão neutra ou que não cause algum incômodo na inserção de documentos eróticos?

A literatura erótica é um gênero literário que se caracteriza “[...] como fenômeno cultural, impulso consciente em que nos lançamos na tentativa de transcender os limites da existência” (CASTELLO BRANCO, 1985, p. 17, apud, SOARES, 2020, p. 223), sendo, muitas vezes, uma forma de expressão não aceita e repudiada pela ordem conservadora, tendo em vista que se dedica a descrever sentimentos julgados proibidos. Assim, a classificação dessas obras apresenta ao bibliotecário dificuldades para lidar com este tipo de representação, seja por seus próprios princípios, seja pelo preconceito que a literatura erótica sofre. No entanto, o acesso à informação deve ser garantido pelo profissional, representando obras eróticas com ética e responsabilidade, de acordo com a unidade de informação a que está vinculado e os usuários dessa unidade.

Em razão das questões apresentadas acima, a pesquisa buscará discutir as questões éticas envolvidas nos processos representacionais, a postura do profissional frente à classificação do material bibliográfico de cunho erótico e apresentará como produto uma proposta de guia explicativo com diretrizes direcionadas à literatura erótica, sua classificação e a faixa-etária para acessos às obras.

## **1.1 Objetivos**

### ***1.1.1 Objetivo geral***

Discutir como a representação temática da literatura erótica, por meio do uso da classificação, tem sido abordada e trabalhada pelas bibliotecas das Instituições Federais de Ensino Superior do Ceará.

### ***1.1.2 Objetivos específicos***

- Delinear as características da literatura erótica como material informacional;
- Discutir a ética informacional nos processos de organização e representação da informação;
- Identificar como as obras são classificadas por Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) do Estado do Ceará;
- Propor uma tabela de classificação bibliográfica indicativa para obras de literatura erótica.

## 2 OS PROCESSOS DE ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Comumente na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação, os pesquisadores apresentam as diferenciações entre informação e conhecimento, e “[...] distingue os dois termos atribuindo as seguintes características para informação: o que é relativamente ‘cru’, específico e prático [...] e o conhecimento como aquilo que representa o que foi ‘cozido’, processado ou sistematizado pelo pensamento” (BURKE, 2003 apud BRASCHER; CAFÉ, 2008, p. 3, grifos do autor).

Nessa perspectiva, coadunamos com Brascher e Café (2008), que compreendem a informação como uma unidade de três elementos: o Conhecimento, gerador e gerado pelo conteúdo da informação; a Linguagem, responsável pelo registro e comunicação, usada como instrumento de expressão de itens de informação; e, o Suporte, formas materiais para registro e disponibilização do conteúdo da informação (FOGL, 1979 apud BRASCHER; CAFÉ, 2008).

A organização da informação (OI) é essencial para o atendimento de inúmeros objetivos e necessidades informacionais existentes, proporcionando rápido acesso informacional e gerando novos conhecimentos. Entre os processos de Organização e Representação da Informação, estão aqueles que representam os conteúdos informacionais pela sua temática e aqueles que indicam a classificação dessas temáticas em suas respectivas áreas do conhecimento. Seu objetivo final será sempre o acesso à informação com precisão, a partir da adoção de normas consoantes com os padrões bibliográficos internacionais. “A informação precisa ser organizada para ir ao encontro de vários objetivos, tais como possibilitar facilidade no acesso, aprimoramento da recuperação, visualização e localização. Independentemente de os objetos – ou documentos – serem físicos ou digitais” (GARRIDO, 2011, p. 6).

Segundo Brascher e Café (2008), o processo de Organização da Informação é trazer o acesso ao conhecimento existente na informação. Podendo ser detalhado com base nos ajustes propostos por Svenonius (2000) aos objetivos bibliográficos definidos pela *International Federation of Library Associations* (IFLA) (SVENONIUS, 2000 apud BRASCHER; CAFÉ, 2008, p. 05):



a) localizar entidades em arquivo ou base de dados como resultado de uma busca por meio de atributos e relacionamentos entre as entidades; b) identificar uma entidade, isto é, confirmar que a entidade descrita em um registro corresponde à entidade desejada ou distinguir entre duas ou mais entidades com características similares; c) selecionar uma entidade que é apropriada às necessidades dos usuários; d) adquirir ou obter acesso à entidade descrita; e) navegar numa base de dados, isto é, encontrar obras relacionadas a determinada obra por meio de generalização, associação, agregação; encontrar atributos relacionados por equivalência, associação e hierarquia.

Na vertente da organização do conhecimento, historicamente a ciência desenvolve projetos de classificação do conhecimento, mostrando ser este um processo complexo de se fazer ou compreender. Quando falamos em “representação do conhecimento”, faz-se oportuno destacar a confusão habitual existente e a inexistência de uma terminologia unificada, apontando os processos ora como Organização da Informação, ora como Organização do Conhecimento (LARA, 2011; MARTINS, 2014).

Para Langridge (2006, p. 19):

Organização do Conhecimento é a expressão mais abrangente para designar a função da biblioteca desempenhada pela classificação. Indica a habilidade não apenas para identificar itens de informação específicos e definidos de forma precisa, mas também para demonstrar a completa gama de assuntos disponíveis na biblioteca e suas relações entre si.

Na Ciência da Informação, a representação está relacionada com as formas de simbolizar a informação e o conhecimento (LIMA; ALVARES, 2012). Vale ressaltar que para alguns autores não existe distinção entre Representação da Informação e Representação do Conhecimento, como expõe Campos:

A problemática relativa à representação da informação e do conhecimento está sendo abordada por estudiosos de diversas áreas, como mostra a literatura [...]. Ela extrapola o domínio da documentação, o que não significa que ela abandone suas próprias teorias relacionadas com a representação, pois elas são parte integrante deste novo movimento, que tem em comum a organização do conhecimento (1995, p. 4).

Quadro 1 - Conceito de Organização e Representação da Informação e do Conhecimento.

	Organização	Representação
Informação	Processos de organização do conjunto de objetos informacionais em coleções de bibliotecas, museus, arquivos tradicionais e eletrônicos.	Conjunto de atributos que representa o objeto informacional, obtido por processos de descrição física e de conteúdo.

Conhecimento	Processos para a construção de modelos de mundo (abstrações da realidade).	Se constitui em estrutura conceitual que representa modelos de mundo (descreve e fornece ordenação sobre os fenômenos que observamos). Tais representações são evidenciadas em sistemas de organização do conhecimento, estruturados por sistemas conceituais que representam determinado domínio, sistematizando conceito e suas relações semânticas (classificação, cabeçalhos de assunto, arquivos de autoridade, redes semânticas, ontologias, dicionários, glossários, taxonomias e tesouros).
--------------	--	---

Fonte: Brascher e Café (2008).

As atividades inerentes ao fazer do bibliotecário, no que diz respeito à Organização e Informação, encontram-se divididas em Representação Descritiva e Representação Temática. A primeira é regida por padrões internacionais e visa a cooperação e o intercâmbio de dados bibliográficos com foco nos atributos de localização e informações físicas sobre os materiais informacionais. No caso da Representação Temática, esta é responsável pela identificação dos conteúdos dos materiais informacionais, fazendo uso da indexação e da classificação.

Dentro desta vertente são identificados três aspectos inerentes ao seu fazer: os processos, os produtos e os instrumentos. Estes são assim definidos por Guimarães (2008):

**a) processos:** compreendem a etapas de análise (leitura técnica do documento para identificação dos assuntos principais e de interesse para a unidade de informação), condensação (identificação dos conceitos principais presentes no conteúdo do documento) e representação (a definição dos termos relativos ao conteúdo do documento, para fins de recuperação do material analisado e condensado); **b) produtos:** são documentos que gerados facilitam a consulta aos originais, e são exemplificados como os índices, os resumos, catálogos impressos e catálogos de acesso público *online*; **c) instrumentos:** identificados como as classificações, os cabeçalhos de assuntos, os tesouros, as listas de terminologias e as ontologias.

São considerados como ferramentas que auxiliam o processo de representação do conteúdo, tendo em vista que são construídos para padronizar a representação da informação e agrupar os documentos que apresentam características semelhantes e/ou relacionadas (GUIMARÃES, 2008).

Destacamos que nesta pesquisa, interessa-nos as Classificações como instrumento de organização e representação, o que será melhor discutido na próxima subseção.

## 2.1 Os sistemas de classificação

A classificação está diretamente ligada ao trabalho de uma biblioteca, desempenhando um importante papel nos processos de organização e representação do conhecimento, e permitindo que usuários atendam suas expectativas por meio da recuperação da informação, visando atender suas necessidades informacionais.

Classificar é um aspecto comum dos seres humanos, faz parte da vida e do cotidiano. O fato é que a maioria das pessoas não percebe o quanto classificar é meramente um indício da natureza fundamental do processo de classificação. Por meio da classificação temos a expressão do pensamento humano e suas impressões sensoriais isoladas transformadas em “[...] objetos reconhecíveis e padrões recorríveis” (LANGRIDGE, 2006, p. 11).

A classificação, como ação inerente ao ser humano, está presente no dia a dia, na ordenação da vida cotidiana, dos pensamentos e das coisas. Inerente ao ser humano, os processos de classificação refletem ideias baseadas em tradição, experiência pessoal e compartilhamento coletivo. Essa é a razão pela qual o estudo das classificações bibliográficas sempre nos conduz a mais elementar definição de classificação, que é, em lógica: “Um processo mental pelo qual coisas, seres ou pensamento, são reunidos segundo as semelhanças ou diferenças que apresentam” (BARBOSA, 1969, p. 13). Dessa forma, a classificação, adotando a lógica de organização das áreas do conhecimento, está na biblioteca, sendo usada para o arranjo de objetos físicos, como livros e periódicos.

Contudo, é importante dizer que ao longo da trajetória da ciência, inúmeras classificações foram desenvolvidas, e de acordo com Langridge (2006, p. 19, grifos do autor) “[...] a expressão CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA é comumente usada como sinônimo para CLASSIFICAÇÃO EM BIBLIOTECA”. O autor destaca que independente da forma que se emprega a definição dos processos de classificação, eles não são usados apenas para identificação dos livros em estantes, mas é essencial para identificar os materiais bibliográficos e garantir a relação entre eles nos sistemas de recuperação da informação.

As classificações bibliográficas surgem dos primeiros estudos voltados para a classificação dos conhecimentos humanos, com Platão, e posteriormente seu discípulo Aristóteles, realizando agrupamentos segundo bases filosóficas. Porfírio, no século III d. C,

desenvolve a Árvore do Conhecimento, detalhando a classificação das substâncias humanas de forma binária. No século XVII, filósofos como Francis Bacon, René Descartes, John Locke e Gottfried Wilhelm Leibniz, preocuparam-se com a classificação do conhecimento e desenvolveram representações por meio de esquemas gráficos chamados de “sistemas”, onde eram representadas tanto as classes na qual ordenavam as disciplinas científicas, quanto o conhecimento como um todo (LIMA, 2004).

No entanto, nos séculos seguintes, estudos voltados para a classificação bibliográfica passam a ser desenvolvidos, visando a organização das bibliotecas, destacando: *A Classificação de Harris*, desenvolvida por W.T Harris, baseada nas classes de Francis Bacon; *A Classificação Decimal de Dewey* (CDD), um desenvolvimento da classificação de Harris, combinada com o sistema numérico da Biblioteca Britânica, muito utilizada até os dias atuais; *A Classificação Bibliográfica de Bliss* (BC), de Henry E. Bliss, que baseava seus esquemas nas convenções acadêmicas ocidentais; *A Classificação da Biblioteca do Congresso* (LC), desenvolvida especificamente para a Biblioteca do Congresso Americano; *A Classificação Decimal Universal* (CDU), criada por Paul Otlet e Henri La Fontaine, com base no trabalho de Dewey; e, *A Classificação de Dois Pontos*, desenvolvida por Shiyali Ramamrita Ranganathan, precursor da Biblioteconomia, que foi baseada em facetas e apresentava uma nova forma de organização para o conhecimento (LIMA, 2004).

Na estrutura lógica das classificações, o conceito e seu termo é a relação mais fundamental, por isso a importância de compreender a classe-conceito, podendo ser demonstrada de duas maneiras: pela habilidade em dizer se um determinado objeto pertence à classe ou não, ou pela habilidade em descrever as propriedades (ou características) em razão das quais ele pertence àquela determinada classe, traçando reação fundamental da classificação centrada no estudo de significado e definição (LANGRIDGE, 2006).

Os sistemas de classificação bibliográfica foram feitos com o propósito de organizar os acervos de bibliotecas e disponibilizar de forma mais fácil o acesso dos usuários à informação contida nesses acervos. Os mais conhecidos sistemas utilizados atualmente em muitas bibliotecas são a CDD e a CDU. A CDD, “[...] calcada na classificação das ciências de Francis Bacon, tem dez classes baseadas na divisão do conhecimento em três grandes grupos: memória, imaginação e razão” (TÁLAMO, 1995, p. 54). Com base na CDD, a CDU foi construída sob a lógica da divisão do conhecimento, proporcionando uma maior

flexibilidade na formação das definições classificatórias e possibilitando representar assuntos complexos e de classes diferentes por meio de combinações. Para Cintra (1994, p.41), a macro-organização da CDU fundamenta-se na organização lógico-hierárquica das unidades que possui.

Relata Langridge (2006) que, a expressão “assunto de um documento” é usada na prática para cobrir tanto a área de conhecimento a que pertence (disciplina, classe principal, assunto básico), quanto aos conteúdos com os quais trata. Por isso, destaca-se a importância ao escolher o assunto que representará o material informacional no momento de sua inserção ao acervo de uma biblioteca. No processo de classificação com adoção dos instrumentos como a CDD e a CDU, o acesso se dá por meio da notação (uma sequência numérica que pode vir acompanhada de letra(s), encontrada geralmente disposta em etiquetas anexadas nas lombadas dos livros, e também inserida em bases de dados e softwares de cadastro dos itens informacionais). A notação é apenas uma codificação para facilitar o arranjo dos itens de um sistema de classificação, agrupando-os de acordo com a proximidade e a relação que mantêm (LANGRIDGE, 2006).

Os esquemas de classificação, segundo Langridge (2006, p. 81), se dividem em:

- a) Geral: nesse contexto significa geral quanto à cobertura do assunto, elaborado principalmente para bibliotecas públicas, bibliotecas acadêmicas e bibliografias nacionais;
- b) Especializados: tem um assunto central e assuntos periféricos (com diferentes graus de importância frente a especialização), elaborados para bibliotecas que enfatizam uma área do conhecimento ou serve a um grupo especial de pessoas.

O quadro abaixo mostra as classificações na área da Biblioteconomia encontradas em uso pelas bibliotecas ou centros de documentação e suas características (quadro 1).

Quadro 2 - As classificações documentárias utilizadas em bibliotecas.

CLASSIFICAÇÕES DOCUMENTÁRIAS		
CLASSIFICAÇÃO	AUTOR	CARACTERÍSTICAS
Classificação Decimal de Dewey	Melvil Dewey	<p><b>1ª Publicação:</b> Primeira edição 1876.</p> <p><b>Uso:</b> Amplamente usado em todo o mundo, especialmente em bibliotecas públicas.</p> <p><b>Estrutura:</b> As classes principais correspondem, a grosso modo, às disciplinas fundamentais do conhecimento, a saber: 100 Filosofia, 200 Religião, 300 Ciências Sociais, 500 Ciência, 600</p>

		<p>Tecnologia, 700/800 Artes, 900 História (400 Filologia, não representa uma disciplina fundamental).</p> <p><b>Notação:</b> Números decimais puros.</p> <p><b>Regras:</b> Inadequadas para assegurar uso consciente do esquema.</p> <p><b>Avaliação:</b> É o esquema pioneiro para a época de educação de massa e cultura popular.</p>
Classificação da Biblioteca do Congresso	Membros anônimos da equipe de funcionários da Biblioteca do Congresso (EUA)	<p><b>1ª Publicação:</b> Cada classe no esquema é publicada separadamente desde 1902.</p> <p><b>Uso:</b> É usado na própria Biblioteca do Congresso, e principalmente em bibliotecas de universidades nos EUA e na Grã-Bretanha.</p> <p><b>Estrutura:</b> Estrutura de classe baseada na Classificação Expansiva de Cutter (1893), uma antiga competidora da classificação de Dewey e agora virtualmente extinta. Há menos de vinte classes principais arranjadas na ordem: Humanidades, Ciências Sociais, Artes, Ciência e Tecnologia.</p> <p><b>Notação:</b> Mistura desordenada de letras e números inteiros.</p> <p><b>Regras:</b> Nenhuma.</p> <p><b>Avaliação:</b> É o menos sistemático de todos os esquemas, com possibilidade frequente de classificação-cruzada.</p>
Classificação Decimal Universal	Paul Otlet e Henri la Fontaine	<p><b>1ª Publicação:</b> Primeira edição (francesa) 1905.</p> <p><b>Uso:</b> Bibliotecas especializadas em todo o mundo e particularmente na Europa.</p> <p><b>Estrutura:</b> Estrutura de classe principal como na Classificação Decimal de Dewey. Classes individuais originárias em grande parte de Dewey. A análise em grande parte e a síntese têm sido substituídas pela enumeração indiscriminada de assuntos compostos.</p> <p><b>Notação:</b> Números decimais além de indicadores de facetas especiais, com os dois pontos como um sinal de relação versátil. É parcialmente hierárquica e parcialmente expressiva.</p> <p><b>Regras:</b> Possui a “virtude” de não proporcionar nenhuma regra – pretendendo com isso ser um esquema flexível que possa ser adaptado a muitas circunstâncias.</p> <p><b>Avaliação:</b> Prejudicada de início por uma estrutura pobre, continua a sofrer a falta de uma mente controladora forte ou de um corpo de teoria</p>

		consistente.
Classificação dos Dois Pontos	S. R. Ranganathan	<p><b>1ª Publicação:</b> Primeira edição 1933.</p> <p><b>Uso:</b> Muito usado na Índia em bibliotecas acadêmicas, especializadas e públicas.</p> <p><b>Estrutura:</b> Cerca de 40 classes principais arranjadas na ordem: Ciências e Tecnologia, Misticismo, Artes, Humanidades, Ciências Sociais (História aparece incluída nessas).</p> <p><b>Notação:</b> Mistura de letras e números além de indicadores especiais de faceta.</p> <p><b>Regras:</b> É o único esquema com uma série completa de regras explícitas.</p> <p><b>Avaliação:</b> É o esquema pioneiro da classificação moderna e ainda o único esquema geral completamente facetado.</p>
Classificação Bibliográfica de Bliss	Henry Evelyn Bliss	<p><b>1ª Publicação:</b> Versão condensada 1935. Edição integral 1940-1953.</p> <p><b>Uso:</b> É mais ou menos limitado a Grã-Bretanha e aos países Commonwealth. [...] é particularmente preferido pelas bibliotecas de educação.</p> <p><b>Estrutura:</b> Cerca de vinte classes principais arranjadas numa ordem que corresponde a maior implicação da [ideia] de evolução.</p> <p><b>Notação:</b> Principalmente letras maiúsculas, com números e letras minúsculas usadas para subdivisões comuns. A vírgula é usada como indicador de faceta, o hífen como equivalente aos dois pontos na CDU, que faz relação entre termos diferentes (grifo nosso).</p> <p><b>Regras:</b> Inadequadas para uso consistente das tabelas auxiliares para assuntos compostos.</p> <p><b>Avaliação:</b> Em concepção e linhas gerais, esse é o mais didático de todos os esquemas gerais – a fina flor do período das classificações enumerativas.</p>

Fonte: Adaptado de LANGRIDGE (2006, p 84 – 91).

Atualmente, dentre as classificações listadas no quadro acima, apenas a CDD e a CDU são adotadas nas bibliotecas Brasileiras. Chegam ao país por influência dos cursos de Biblioteconomia criados no início do século XIX, como o curso da Biblioteca Nacional (1915), com influência da escola francesa *École de Chartres* e, posteriormente, os cursos instalados no Estado de São Paulo, um dos quais junto ao Instituto Mackenzie (1929), e o

outro junto à Prefeitura Municipal da cidade de São Paulo (1936), baseados na corrente norte americana da *Columbia University* (ALMEIDA; BAPTISTA, 2013).

Assim, a utilização de uma determinada classificação para os documentos dependerá da escolha da própria instituição que a necessita ou do profissional que trabalha nela, com atenção e critérios apropriados para tal escolha.

## **2.2 Sobre a Classificação Decimal de Dewey (CDD)**

Um determinado acervo de livros ou outros materiais informacionais podem ser organizados conforme a CDD, um esquema de classificação que foi criado originalmente em 1876 por Melvil Dewey (1851-1931), bibliotecário norte-americano, para a biblioteca do Amherst College, em Massachusetts. Foi adotada posteriormente por várias outras bibliotecas públicas e privadas em inúmeros países e com o passar do tempo tem passado por adaptações, e com mais de um século de existência já se encontra na 23ª edição.

A segunda edição da classificação revisada, e consideravelmente ampliada, foi publicada em 1885. Por muitos aspectos, ela pode ser considerada uma das edições mais importantes porque estabeleceu a forma e a estrutura do esquema durante aproximadamente 65 anos.

Outro marco importante para história da CDD, ocorrido em setembro de 1895, foi a fundação do Instituto Nacional de Bibliografia, agora chamado de Federação Internacional de Informação e Documentação, que solicitou e conseguiu de Dewey a permissão para traduzir e adaptar essa sua obra a fim de preparar uma bibliografia universal.

O bibliotecário Dewey pode não ter sido o pioneiro em dividir os livros de uma biblioteca por assunto e nem no emprego de números decimais ao acervo, porém foi o primeiro a utilizar símbolos de classificação aos livros. Assim, em 1876, publicou de forma anônima a *Classification and subject index for cataloguing and arranging the books and pamphlets of a library*. Era um folheto que possuía 42 páginas, sendo 12 de introdução, 12 de tabelas e 18 de índice, representando o conhecimento humano em torno de 1000 classes. Ele inovou com esse índice relativo, já que não existia em outros sistemas até aquele momento. O próprio autor reconhecia que esse índice facilitava a realização de uma determinada classificação das obras. O título *Decimal Classification and Relative Index* só



surgiu na segunda edição, em 1885, publicado com o nome de Dewey (LANGRIDGE, 2006).

A CDD encontra-se estruturada e distribuída nas seguintes grandes áreas:

**000:** Informática, ciência da informação e generalidades;

**100:** Filosofia e psicologia;

**200:** Religião;

**300:** Ciências sociais;

**400:** Línguas;

**500:** Ciências exatas e da terra;

**600:** Tecnologia (ciências aplicadas);

**700:** Artes e recreação;

**800:** Literatura;

**900:** História e geografia.

Dewey pensou categoricamente na ordem das classes principais desse sistema de classificação conduzido, conseqüentemente, pelo raciocínio e conclusão a partir dos acontecimentos da humanidade: o homem procurou e começou a buscar respostas para as coisas à sua volta e também da sua própria existência, surgindo assim a Filosofia; vem a Religião com intuito de tentar compreender e criar algo superior ao que temos de palpável para justificar muitas coisas e até o porquê de nós existirmos na terra, então idealizou-se um ser superior; com a procriação, o aumento populacional, surgimento de povos, nações e o convívio em sociedade, vem as Ciências Sociais; a comunicação é a maneira mais eficaz de se interagir entre indivíduos e marca culturalmente as nações, surge as Línguas; as Ciências Puras surgem pois instigou-se no homem o interesse em entender a natureza; a partir dos conhecimentos obtidos, tem-se a necessidade de extração de informações e experiências para serem usadas, surgindo as Ciências Aplicadas; desde o momento que o ser humano se sente autodidata ao construir e discernir feitos e coisas, temos as Artes e a Literatura; por fim, encontramos a História, que resgata e perpetua tudo que já foi vivido e realizado.

A CDD é um sistema de classificação hierárquico, decimal, bibliográfico, estruturado e enumerativo. Contém 7 (sete) tabelas auxiliares (subdivisão padrão; de área; de literaturas individuais; raciais; étnicas; nacionais; línguas; e pessoas) que correspondem a conceitos que podem ser associados a qualquer assunto das dez classes principais.

Nessa estrutura, pode-se definir números para as subclasses, e assim por diante. Para entender o significado dessas sequências, é preciso recorrer à enorme lista de convenções mantida e frequentemente renovada pela Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. Por exemplo, se precisamos de um livro sobre literatura em geral, teremos de buscá-lo na classe 800, que é a das obras sobre literatura, por exemplo, literatura brasileira, sua notação é 869, algumas bibliotecas adotam a primeira letra da língua mãe da publicação ficando esse exemplo citado como B869 (B para obra Brasil), mais especificamente se for literatura brasileira em poesia, pode-se adotar a notação de 869.2 ou B869.2.

Dewey não concordava que os livros fossem numerados de acordo com seu lugar na estante, e sim pelo seu conteúdo. Tendo em vista que um sistema de localização pedia atualizações frequentes, pois os acervos são dinâmicos, e fazia com que as bibliotecas tivessem formas diferentes de catalogar seus volumes.

Assim, a classificação, como a CDD, vem proporcionar a biblioteca o acesso a partir da representação do conhecimento da obra, a qual constará num catálogo de forma permanente ou restringida por algum motivo institucional ou técnico. “Uma característica fundamental desse sistema é a adaptabilidade de sua notação às necessidades de bibliotecas de natureza e tamanho diferentes. A CDD pode ser empregada para classificações genéricas, e, igualmente, para classificações específicas” (OLIVEIRA, 2009, p.31).

Portanto, sendo bastante conhecida, é considerada a Classificação mais usada por inúmeras bibliotecas brasileiras e de todo o mundo, independentemente do tipo de biblioteca e o acervo.

### **3 A ÉTICA NA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO E O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO**

As discussões que partem de um contexto definido como “ético”, exigem-nos uma definição sobre o que é “ética”. De acordo com Borba (2011, p. 568), é o “Conjunto de conhecimentos, de caráter universal, sobre os valores morais e os princípios ideais da conduta humana”. Entende-se então que a questão ética, no âmbito mais cotidiano, encontra-se ligada ao ideal de “bem fazer” e de “bem agir”, que parte do agente consciente, e permite que este conheça a diferença entre o bem e o mal, o certo e o errado, a virtude e o vício, conduzindo seus julgamentos de valor dos atos e condutas em conformidade com valores morais. “Consciência e responsabilidade são condições indispensáveis da vida ética” (CHAUÍ, 2003, p. 308). A ética tem seu estudo abrangente na Filosofia, cuja teoria estuda o comportamento moral e relaciona a moral com o exercício ético nas relações, e pauta o comportamento social dos indivíduos.

Intentamos nesta pesquisa discutir a dimensão ética que conduz os processos de representação da informação e direciona a conduta ética do profissional frente a decisões informacionais, o que não o isentará dos seus princípios morais, mas exigirão uma postura ética de consciência e responsabilidade na representação para garantir, ou não, ao usuário o acesso à informação. A tolerância e a flexibilidade são dois dos princípios tanto no atendimento aos usuários, quanto nos processos de representação. É mister destacar que os processos de representação da informação, assim como as linguagens documentárias, são vias de comunicação entre os usuários e a informação, exigindo uma postura ética do bibliotecário. A ética da qual trataremos, nesse sentido, é aquela relacionada à experiência nas rotinas de trabalho dos bibliotecários, destacando a discussão sobre as decisões tomadas mediante à representação da informação sob a égide do conservadorismo social.

A ética está ligada a valores morais que trazem consigo uma tendência reflexiva do modo de se comportar e de se realizar determinadas coisas. A ética, ou Filosofia Moral, traz em seu bojo a reflexão sobre as questões morais, no intuito de explicar o fenômeno moral, dando conta, racionalmente, da dimensão moral do ser humano (CORTINA; MARTINEZ, 2005). A informação perpassa pela ética, pois sua disseminação envolve questões morais e culturais, que são capazes de interferir ou simplesmente silenciar a informação para que ela não circule. No entanto, com a transformação global e o impulso que tomou a transmissão

da informação, os valores morais, ou as virtudes éticas, estão se transformando para responder às exigências da sociedade e/ou cultura, que tem comprovado a diversidade inerente às pessoas e suas relações sociais (GUIMARÃES; PINHO, 2006, p. 2). Este contexto informacional nos traz questionamentos relativos às formas e aos conteúdos nos processos representacionais, e exige maior atenção para a informação, utilizando-se de critérios e fazeres específicos para sua representação e a comunicação desta com os usuários.

Como as atividades de organização, representação e difusão do conhecimento são consideradas o centro da atividade profissional na área da informação, uma vez que esses fazeres constituem-se na ponte que une o conhecimento produzido à geração de um novo conhecimento, torna-se necessário refletir e questionar até que ponto os valores éticos estão presentes no tocante à dimensão social desses trabalhos, e no caso deste estudo, no âmbito da representação (GUIMARÃES; PINHO, 2006, p. 2).

Com as mudanças, em especial nos sistemas de recuperação da informação, os ambientes de informação estão cada vez mais acessíveis, em tempo e espaço, tornando-se imprescindível que o bibliotecário desenvolva suas atividades com base em uma criteriosa avaliação dos instrumentos, os quais utilizam para tornar a informação acessível.

Nesse sentido, a atuação profissional no âmbito da representação do conhecimento é necessária para que o usuário tenha ciência dos documentos existentes e da diversidade dos assuntos e suas abordagens. Isso revela que essa atividade não é meramente técnica, como se pensava antes, mas sim uma atividade intelectual que exige por parte do profissional uma postura consciente e crítica, além de ser pleno conhecedor dos aspectos históricos e sociais que envolvem o conhecimento registrado e socializado (GUIMARÃES; PINHO, 2006, p. 2).

Ainda mais notórios são os valores morais e éticos, quando se percebe que o bibliotecário, no seu ambiente de trabalho, está diretamente envolvido em meio à relações interpessoais. Assim, pessoas trabalham, se formam, se informam, se comunicam, se encontram e interagem numa relação de compartilhamento de conhecimentos e de prestação de serviços que não determina diferenciação de tratamento para as pessoas, e sim para o material bibliográfico que estará a serviço do público (RASCHE, 2005). Portanto, a ética, na representação da informação, é algo que se torna reflexivo e concreto, já que a informação carrega uma bagagem cultural, política, moral e social. Os processos, os

produtos e instrumentos de organização e representação da informação refletem a organização social que, de acordo com Lima e Alvares (2012, p. 27), “[...] é a prática cotidiana na organização dos seres, na divisão social do trabalho, na sociologia do conhecimento, na sociologia das profissões, das inovações e de tudo mais que nos cerca”.

Nesse sentido, o processo de representação da informação se ancora nas linguagens utilizadas para representar os documentos, construídas artificialmente para atribuir códigos descritores que indicam a temática, são “[...] responsáveis pela comunicação entre a representação e o acesso ao conhecimento registrado e refletem a identidade de uma área a partir de sua especialidade, sendo reconhecidas como linguagens documentárias” (MARTINS, CÔRTEZ, 2019, p. 168). São instrumentos que expressam os conteúdos de acordo com o contexto da representação, que deve, em primeiro lugar, considerar o usuário, seus interesses, seu perfil etário e de formação. Essas observações são os principais princípios em observância de uma ética nos processos de representação da informação, garantindo que não haja silenciamento da informação e nem seja tolhido o direito de acesso de cada usuário.

### **3.1 Ética no fazer bibliotecário**

Desde as pinturas nas cavernas, a humanidade sentiu a necessidade de registrar e preservar os fatos e os conhecimentos adquiridos pela sociedade. A espécie humana naturalmente evoluiu, sobretudo no modo de registrar o conhecimento, desde os papiros, pergaminhos, códices, até chegar aos livros, formato este que, devido a sua praticidade, e principalmente devido a invenção da imprensa, popularizou-se por todo o planeta ao longo dos séculos. Notoriamente, as bibliotecas eram vistas, de modo relapso, como repositórios de livros, no entanto, seu valor vai além disso, por ser considerada um organismo vivo, que disponibiliza conhecimento, como citado na quinta lei das Cinco Leis de Ranganathan (professor matemático indiano) em 1931: “A Biblioteca é uma organização em crescimento” (FIGUEIREDO, 1992).

Com o surgimento das tecnologias de informação e comunicação, e as formas diversificadas de registro, a biblioteca atualmente assume uma nova configuração, assumindo de modo mais amplo seu papel social e expandindo seus serviços de informação,

não necessariamente se limitando mais a um acervo próprio e/ou restrito, e sim oferecendo várias formas de acesso a conteúdos dentro e fora de seu espaço.

A informação, neste caso, independe do suporte registrado, podendo ser livros, mapas, discos óticos, suportes magnéticos, ou documentos eletrônicos. Sabendo-se da relevância que a informação possui para o desenvolvimento do sujeito, em todas as esferas de sua vida, torna-se essencial a ampla disponibilização, disseminação e circulação da informação em ambientes físicos e virtuais (SANTOS; DUARTE; LIMA, 2014). Barros (2005, p. 70) postula que,

[...] o bibliotecário é um dos profissionais da informação que pode assegurar o tratamento e acesso da informação produzida nos meios acadêmicos e intelectuais. Esse profissional é capacitado para planejar, organizar, gerenciar museus, arquivos, editoras, bibliotecas (escolares, universitárias, especializadas, públicas), bancos, Ong's inseridas em projetos pedagógicos e outras instituições.

O bibliotecário é capacitado para conviver nos diferentes contextos trabalhistas, visto que as escolas de Biblioteconomia procuram capacitar o profissional, para atuar de maneira interdisciplinar em diversos âmbitos, seja no meio econômico, cultural, social ou político. Com as transformações advindas das tecnologias de informação e comunicação, os profissionais da informação se utilizam desses mecanismos para facilitar e agilizar a difusão das informações em diversos ambientes e suportes. Silva (2004, p.95) afirma que, “[...] neste cenário, a atuação do bibliotecário assume papel estratégico em organizar e disponibilizar informação para uso por meio da internet”, possibilitando melhores formas de comunicação e eficiência na troca e busca de informações. “Com o passar do tempo a humanidade se desenvolveu, houve várias descobertas e inventos e, assim com novos recursos, o homem passou a registrar e a controlar cada vez mais os aspectos de sua vida [...]” (LOUREIRO; JANNUZZI, 2005, p. 124).

Os autores Loureiro e Jannuzzi (2005) relatam que, na verdade, as pessoas enxergam o ambiente da biblioteca como apenas mais um edifício de guarda de materiais, desconhecendo que o profissional que trabalha nela lida com registro e também com os fluxos de informação armazenada, em prol de um acesso que satisfaça as necessidades de quem os procura. É do fazer tradicional do bibliotecário, Milanesi (1989,p.31):

[...] classificação de livros e de outros suportes do registro do conhecimento humano através de muitos sistemas; catalogação em fichas com o uso de normas, códigos que permitem a coerência dentro de um sistema; indexações. Existem ainda outros recursos laterais: inscrições

nas lombadas dos livros, inscrições que também se estendem às estantes, organizando os olhos e o corpo do usuário.

Portanto, o bibliotecário atual deve compreender a realidade histórica e social, a qual está em constante processo de evolução, bem como se familiarizar com as novas ferramentas que surgiram e surgem para facilitar o acesso à informação. Sua intelectualidade e perspicácia devem-se sobrepor ao trabalho dito como “trabalho tecnicista”, podendo assim ter a capacidade de atender a uma demanda com novas necessidades informacionais que apareceram.

Apontadas as características que delineiam o perfil do profissional diante do contexto atual, a ética profissional se inicia com reflexão, uma vez que quando escolhemos uma profissão passamos a ter deveres profissionais obrigatórios, como atender a um código de ética específico, que deverá ser posto em prática no exercício do ofício. Para ser um profissional ético, devemos seguir um conjunto de valores, proceder a partir de condutas éticas, muitas vezes, preestabelecidas, mas que podem ser adaptadas a cada realidade. Algumas características básicas se centram em como ser bom, correto, justo e adequado.

No contexto da formação do bibliotecário, há uma preocupação com a conduta ética de tais profissionais e estudos em torno da conduta ética dos membros da profissão. Para Rasche (2005), isso se dá a partir de uma abordagem que pensa a biblioteca como um ambiente de relações, a informação como um bem social e o bibliotecário como um ator social em um mundo de trabalho em processo de mudanças constantes.

Partindo do pressuposto de que a atuação do bibliotecário é permeada pela dicotomia entre a não neutralidade dos processos e instrumentos de organização e representação do conhecimento e o compromisso em buscar corresponder, com rapidez e precisão, às necessidades informacionais de uma comunidade usuária cada vez mais culturalmente diversificada, destacam-se as possíveis tensões que podem ocorrer nesse contexto (GUIMARÃES; MILANESI; EVANGELISTA, 2015, p. 2).

O Código de Ética Profissional do Bibliotecário, nomeadamente designado como Código de Ética do Conselho Federal de Biblioteconomia, pela Resolução CFB nº 42, de 11 de janeiro de 2002, vigente como Código de Ética e Deontologia do Bibliotecário Brasileiro, na Resolução CFB nº 207, de 07 de novembro de 2018, nos termos de seu artigo primeiro, tem por objetivo fixar as normas orientadoras de conduta no exercício de suas atividades profissionais.

O Código de Ética e Deontologia do Bibliotecário Brasileiro (2018), nos Artigo 5º (e), Artigo 6º (b) e Artigo 9º, define os deveres profissionais que devem ser observados na atuação profissional com vistas ao crescimento da categoria, mas com cuidado e profissionalismo. Em dois momentos (Artigos 11º e 12º) o Código mostra as circunstâncias atenuantes e agravantes, e prevê a prescrição de pena para o “profissional de biblioteconomia” (CÓDIGO..., 2018).

Naturalmente, as Comissões que redigiram e atualizaram esse Código não deixaram de pensar sobre como o profissional deve atuar, e isto está evidenciado no dever escrito no artigo 5º, nas suas duas primeiras alíneas, que pode ser lido assim: “a) preservar o cunho liberal e humanista de sua profissão, fundamentado na liberdade da investigação científica e na dignidade da pessoa humana; e b) exercer a profissão aplicando todo zelo, capacidade e honestidade em seu exercício” (CÓDIGO..., 2018, p. 2).

Como aponta o Código, devemos ter ética em tudo que envolve a integridade, ser honesto em qualquer situação, ter coragem de assumir os erros e decisões, ser tolerante, flexível e humilde. O bibliotecário, como educador, deve conhecer os tipos de fontes de informação, com a finalidade de fornecer ao usuário as informações necessárias, bem como ter acesso a elas.

Então, a biblioteca como espaço social é um veículo disseminador de informação. Nessa perspectiva de melhor conhecer o usuário, nos é apresentado na Ética da Alteridade<sup>1</sup>, que consiste na tolerância com o próximo, saber lidar com as diferenças, essencial diante de um individualismo cada vez mais acentuado, e pôr em prática essa nova abordagem de sensibilidade e inclusão, mediante uma relação responsável.

Assim, o Código de Ética e Deontologia do Bibliotecário brasileiro (2018, p. 1) aponta no Art. 2º,

Parágrafo único – O bibliotecário repudia todas as formas de censura e ingerência política, apoia a oferta de serviços públicos e gratuitos, promove e incentiva o uso de coleções, produtos e serviços de bibliotecas e de outras unidades de informação, segundo o conceito de acesso aberto e universal.

Tomando por base seus direitos e deveres, e para além do que está em vigência na legislação da categoria e nas leis direcionadas a toda sociedade, o bibliotecário tem

---

<sup>1</sup>Na ética da alteridade, a presença do outro, o encontro com outro oferece um momento para a construção ética, quando seres humanos se reconhecem como tal [...] (RASCHE, 2005, p. 9).



compromisso quanto ao usuário, a organização, a informação, a profissão e em relação a si mesmo (GUIMARÃES, 2008). Nesse sentido, a atuação do profissional, no que diz respeito aos processos de representação da informação, exige que este tenha ciência dos documentos, dos assuntos, e principalmente de suas abordagens, desconstruindo a definição de que as atividades do bibliotecário são meramente técnicas (PINHO, 2009).

Estudos desde os anos 2000 apontam a posição de poder ocupada pelo bibliotecário, tendo em vista que suas escolhas são conduzidas pelas suas referências e por valores dominantes da sociedade onde está inserido. Assim como as classificações foram desenvolvidas arbitrariamente com base em pré-concepções e preconceitos da sua época (OLSON, 2002; MAI, 2004, apud PINHO, 2009).

Necessariamente, as classificações são políticas, uma vez que seus idealizadores escolheram representar o conhecimento, assim, os classificacionistas impõem uma visão particular do conhecimento aos usuários, simplesmente organizando a área, e quando bibliotecários, cientistas da informação ou gestores da informação organizam uma área do conhecimento, impõem uma interpretação e dão aos usuários uma visão particular do conhecimento (MAI, 2004 apud PINHO, 2009, p. 78).

Ao refletir sobre tais aspectos é possível perceber que os sistemas de classificação são reproduzidos com bases filosóficas antigas, perpetuando ideias e significados que não foram atualizados ao longo do tempo, condicionando a representação na reprodução e manutenção de padrões, e no recorte e segmentação do conhecimento.

Frequentemente, os sistemas de classificação pragmáticos baseiam-se em uma visão filosófica de conhecimento, e essa visão reflete uma posição político-cultural balizada pelo espaço e pelo tempo. O sistema de classificação de Dewey, por exemplo, tem sido criticado por seu ponto de vista culturalmente determinado, como é o caso do Cristianismo, de grande prevalência na classe de Religião (PINHO, 2009, p. 82).

Neste contexto, buscamos entender que a ética está intimamente ligada e influencia o fazer bibliotecário, principalmente no momento de classificar uma literatura erótica, que vive à mercê do preconceito e de uma censura histórica. Com origem na Grécia antiga, foi na idade média bastante combatida e hoje “[...] o cenário encontra-se um pouco mais liberal, com acesso às tecnologias e as novas fontes de informação [...]” (GOMES; CARVALHO, 2017, p.2). No entanto, o que se percebe é que ainda é vista como uma literatura que precisa passar despercebida e ter uma leitura discreta.

Essas questões despertaram a inquietação para esta pesquisa quanto à literatura erótica, que na CDU encontra-se classificada como Literatura Licenciosa (sensual), Lasciva, Literatura erótica, Pornografia, o que reflete claramente o preconceito que se mantém até hoje nas bibliotecas. Assim, visando pontuar suas características e sua importância para os estudos literários, discorreremos na próxima seção sobre a literatura erótica e suas características para melhor compreensão da investigação apresentada.

#### **4 LITERATURA ERÓTICA NA BIBLIOTECA**

O erótico é caracterizado como algo que perpassa os valores éticos, que por vezes o deixou e continua deixando-o no anonimato quando partimos para a escrita. Os textos eróticos sofrem não somente por questões éticas, mas também por ideologias e pela própria cultura, que os reserva à condição de proibido ou indevido.

Para complicar ainda mais, por ser um fator cultural, o texto erótico se apresenta como uma representação que depende da época, dos valores, dos grupos sociais, das particularidades do escritor, das características da cultura em que foi elaborada (DURIGAN, 1985, p.7).

Afirma Pinheiro (2018, p. 193), “O erótico faz parte da vida da espécie humana, é um estado de ser, uma energia que habita em nós, uma busca por aquilo que nos falta e, portanto, movimentada continuamente a existência”. É importante salientar que “erotismo” vem de Eros (Deus do amor; princípio da vida, oposto de Tanatos, princípio da destruição), sendo uma representação cultural que organiza o desejo sexual de atores, visando a atualização do princípio do prazer (DURIGAN, 1985, p. 92-93).

A mitologia grega descreve que Eros, o Deus do amor, visitava todas as noites o leito de Psique, mas sempre sem luzes. A mulher era impedida de admirar o semblante de Eros. Porém, numa dessas noites, ela acendeu uma lâmpada para contemplar o amante e ele, ao ter sua identidade desvendada, voou para bem distante. Passando então ela a vagar pelo mundo numa incessante busca do amor perdido. Para os antigos gregos, o desejo que tinha o poder de se modificar, transformando o inerte em oscilação, o silêncio em vida, tinha um nome – Eros (CASTELLO BRANCO, 2004).

Há uma considerável procura por essas leituras, que desde a antiguidade existe e ainda persiste, no entanto, mesmo que de maneira notória haja um público ao qual o tema erotismo é aceito de forma literal, sem preconceitos, ou venha sido abordado em pesquisas de trabalhos acadêmicos e científicos, ainda causa constrangimentos, e por vezes é deixado de lado. Entretanto, é sabido que existe o interesse pelos conteúdos eróticos por um público que o busca, e seu crescimento é um fato, porém não o suficiente para enobrecer essa literatura (DURIGAN, 1985).

A literatura erótica é vista como algo libertino por uma parcela da sociedade, que a crítica e pormenoriza, e é tratada com pouco ou nenhum cunho artístico, sem considerar sua poesia rica em imaginação, que é expressa por palavras em que os escritores exageram na

dose da fantasia, ultrapassando o realismo e tornando a obra excêntrica e até repugnada, porém é importante ressaltar que não se pode negar a força que esse tipo de literatura tem para aguçar o imaginário e mexer com o íntimo de alguém. “A literatura erótica é um gênero que inclui toda literatura licenciosa (sensual), direcionada exclusivamente ao desejo sexual e ao amor” (GOMES; CARVALHO, 2017, p. 3).

Este tipo de literatura, de acordo com Alexandrian (1993, p. 11), “[...] sempre foi desacreditada, condenando seus autores ao anonimato e suas obras a uma divulgação clandestina”. Mas, “[...] a proposta da literatura erótica é satisfazer a curiosidade do usuário ou propiciar uma reflexão a respeito desse tema. Entendendo melhor seu próprio corpo, seus desejos e prazeres desse liberalismo que se encontra guardado em cada um de nós” (GOMES; CARVALHO, 2017, p.17).

Há entre as pessoas uma grande questão, na qual confundem as fronteiras que separam o erotismo e a pornografia. De forma sucinta, o primeiro é uma forma de estímulo ao impulso sexual através de instintos, influenciando assim no próprio comportamento. Enquanto o segundo é um tipo de erotismo, causando sensações de prazer sexual, através de imagens, falas e objetos ditos obscenos, com o objetivo de realizar uma fantasia sexual. “Esses dois gêneros literários têm suas semelhanças e particularidades, a literatura erótica é baseada no amor e nas suas inspirações, manifestando-se em forma de palavras, imagens e sentimentos de desejos que possam estimular o desejo sexual” (GOMES; CARVALHO, 2017, p.1).

Castello Branco (1984) ao definir o que é erotismo, coloca-o numa posição de inúmeros sentidos em relação à sexualidade, primeiramente diferenciando-o da pornografia, esta que estaria no contexto mais capitalista e do poder falocrático como negociação do sexo dentro de uma sociedade patriarcal, considerada como uma afinidade com o poder calcado no poder masculino (FERREIRA, 2017). O erotismo perpassa pelo Eros/Tanatos freudiano que foi potencializado por Bataille, a questão repressiva colocada por Reich, Marcuse e Foucault, vê a literatura como reflexo de sexualidade de seu tempo, com o cientificismo normativo do naturalismo, indo de contra a hipocrisia da sexualidade satírica (CASTELLO BRANCO, 1984).

Já a palavra erotismo surgiu no século XIX, a partir do adjetivo erótico, este derivado do grego Eros, deus do desejo sexual do sentido mais amplo. Amor enfermo,

paixão sexual insistente, busca excessiva da sensualidade são algumas das definições que os dicionários correntes dão do erotismo (MORAES; LAPEIZ, c1984, p. 109).

Então, a definição de erotismo vem, “[...] traduzir e ordenar, de acordo com as leis da lógica e da razão, a linguagem crítica do Eros, seria caminhar em direção oposta ao desejo, ao impulso erótico, que percorre a trajetória do silêncio, da fugacidade e do caos” (CASTELLO BRANCO, 1984, p. 65). Pode se dizer que há uma linguagem cifrada de Eros, com certa oposição ao desejo (impulso), dando um caráter incapturável ao erotismo. Sendo o erotismo uma questão ou problema para muitos, há uma tentativa de se entender sua existência, que gira em torno de várias contradições na procura de explicá-lo, contudo existe sim uma demarcação de seu espaço enquanto desejo (impulso).

Para tanto, o psicanalista Freud aponta que existem dois grupos de pulsões (instintos), do ego e sexuais. A primeira, fortemente ligada aos objetos externos, parte do princípio da realidade visando a si mesmo e não a reproduzir. A segunda segue o princípio do prazer mergulhado nas fantasias e visa manter a espécie (GOMES, 2001).

No pensamento de Georges Bataille, podemos encontrar diversas influências como o marxismo, psicanálise, a antropologia de Marcel Mauss, os escritos do Marquês de Sade, o pensamento de Hegel (principalmente no início de sua formação intelectual) e de Friedrich Nietzsche (GALANTIN, 2008, p.1):

No tempo em que viveu, Bataille teve seu trabalho pouco reconhecido, e alguns de seus contemporâneos, como Sartre, o chamavam de um "ateu místico" ou de "metafísico do mal". Seu trabalho, porém, influenciou uma geração posterior de autores como Jacques Derrida, Michel Foucault, Philippe Sollers, Jean Baudrillard, Giorgio Agamben e Jean-Luc Nancy. Dentre seus principais trabalhos podemos destacar: "O erotismo" (1954) [grifos do autor].

Na obra citada acima, Bataille defende que o erotismo é uma experiência unicamente humana, pois animais e humanos fazem a atividade sexual de reprodução, porém apenas os humanos fizeram da atividade sexual, uma atividade erótica (GALANTIN, 2008, p.10). Para Bataille, os seres humanos se jogam nessa busca permanente, porque eles levam consigo uma espécie de “nostalgia da continuidade perdida” (CASTELLO BRANCO, 1984).

Vejamos a palavra “pornografia” provém do grego “pornographos”, que significa literalmente, “escritas sobre prostitutas”. Assim, em seu sentido original a palavra refere-se

à descrição da vida, dos costumes e dos hábitos das prostitutas e seus clientes. Talvez por isso tenha chegado a significar, como a definem os dicionários atuais, a expressão ou sugestão de temas obscenos na arte (MORAES; LAPEIZ, 1984, p. 109).

Numa visão do senso comum, dificilmente o indivíduo seja capaz de distinguir erotismo de pornografia, já que os dois transitam numa linha tênue, que confunde a todos, tendo em vista que são expressões tratadas de maneira equivalente para grande parte da sociedade.

Nas obras de literatura erótica, o que se explora é o mais puro erotismo (mais puro desejo), mexendo com o íntimo do leitor e a própria relação com sua sexualidade. Para Moraes (2015, p.27), “o erotismo literário é, antes de tudo, um modo de pensar”.

Os pioneiros a se sobressaírem em relação a temas sexuais, e conseqüentemente eróticos, na literatura, foram os gregos. Aristófanes, nascido por volta de 446 a.C. em Atenas, foi o único que teve suas obras completas e não danificadas até a atualidade, repletas de cenas e diálogos obscenos, em que se destacam duas peças geniais: *Lisístrata*, considerada a obra-prima do erotismo antigo, e *A assembleia das mulheres*, ambas em 411 a.C. Já em Roma, a partir dos diálogos licenciosos, surge a literatura erótica, quando o erotismo latino clássico aparece num período em que a civilização romana está mais evoluída e requintada, e não expressava a sexualidade de forma tão explícita (GOMES; CARVALHO, 2017).

Durante o período do imperador Augusto surgiram os clássicos da literatura erótica latina [...] (ALEXANDRIAN, 1993). Cita-se a obra “A Arte de Amar”, uma série de três livros do poeta romano Ovídio, nascido em Sulmona, Itália, no dia 20 de março de 43 a.C., e falecido em Constança, na Romênia, 17 ou 18 d.C. Escrita em versos, por volta do Ano I da nossa época, teve como tema a arte da sedução (BEZERRA; MARQUES JÚNIOR, 2016).

O primeiro poeta erótico latino foi Gaio Valério Catulo (87-84 e 57-54 a.C.), também considerado um dos poetas latinos mais traduzidos da Antiguidade (VASCONCELLOS, 1991 apud ALVES, 2018). Paradoxalmente, a difusão de seu *libellus* sofreu diversas interpolações ao longo do tempo, sobretudo em relação aos poemas que contêm determinado léxico sexual “[...] mais especificamente, com relação ao *carmen* 16. Nesse poema, Catulo emprega, no primeiro e último verso, termos de cunho sexual, a saber: os verbos *pedicabo* e *irrumabo*, que denominam o ato de penetrar por via anal e oral,

respectivamente. A presença desses vocábulos fez com que editores do texto latino em alguma medida censurassem sua divulgação” (ALVES, 2018, p. 1).

Para citar a literatura oriental, é relevante lembrar sobre a filosofia do tantra, que é algo bastante marcante e lembrado por aqueles que estudam a cultura do Oriente, e também para muitos que mundialmente já devem ter ouvido falar sobre isso. Um exemplo de leitura sobre o assunto é o livro “Sexo tântrico: os segredos mais sensuais do erotismo oriental ao seu alcance”, de Alicia Gallotti, o qual relata que essa filosofia considera o corpo, um espaço sagrado, um verdadeiro templo onde o desejo deve aflorar livremente e de forma criativa, pode se dizer “dando asas à imaginação”, deixando o stress e os pudores de lado, em profunda conexão com o parceiro, com o objetivo de alimentar o prazer, sendo um caminho adotado por orientais para a explorar a sua sexualidade e as possibilidades que ela traz.

Apontando, para melhor entendimento do conteúdo dessas obras literárias, os estilos os quais essa produção perpassa são: Poesia e Prosa, essa última com subníveis, como exposto no quadro 2.

Quadro 3 – Tabela ilustrativa com os estilos e seus, respectivos, gêneros na literatura erótica.

LITERATURA ERÓTICA	
ESTILOS	GÊNEROS
POESIA	-
PROSA	CONTO TEATRO CRÔNICA NOVELA ROMANCE

Fonte: Elaborada pelo autor.

Desde a Idade Média existe uma forte repressão contra hábitos sexuais e discussões sobre sexo, mas havia quem transgredisse tais ordens. Os livros que tinham como assunto principal o sexo, eram retirados de circulação, ou simplesmente escondidos dentro de salas trancadas nas bibliotecas públicas. Nessas instituições, acreditavam que retirando o material bibliográfico do acervo principal estariam resguardando a moral e os bons costumes (visões

impostas pelo clero e a Igreja Católica na época), principalmente numa luta contra a luxúria, considerada um forte pecado capital, tendo em vista que, “[...] costumes dissolutos do clero, atestados por documentos oficiais, justificavam esses gracejos. Com o pretexto de denunciar os luxuriosos, suas malícias e seus prazeres, a idade Média cristã se permitiu assim licenças extremas [...]” (ALEXANDRIAN, 1993, p. 35).

Partindo para séculos posteriores, é relatado na literatura que essas obras tiveram uma incidência maior de produção por parte dos escritores.

No início do século XIX ao século XX, o erotismo é cultivado por diversos escritores, que recorreram a literatura erótica para aguçar os sentidos mais íntimos de seus leitores, proporcionando uma vitalidade que não é encontrada em outros tipos de narrativa. Em destaque, podemos citar alguns autores que não só apreciam, mas incentivam a leitura desse gênero literário, são eles: Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis, Gilberto Freyre, Marquês de Sade, Safo, Hilda Hilst, George Sand, Oscar Wilde, G. Bataille, D. H. Lawrence, entre outros (GOMES; CARVALHO, 2017, p.5).

O primeiro livro erótico que surgiu no século XIX é datado de 1800, de maneira clandestina, intitulado *L'Enfant du bordel* (edição francesa), do escritor Charles Pigault Lebrun (ALEXANDRIAN, 1993). Com o fim da Idade Média e o início do Renascimento, cita-se Giovanni Boccaccio produzindo novelas licenciosas compondo o livro *Decameron* (GOMES; CARVALHO, 2017).

Reconhecer a literatura erótica como uma produção literária como as demais, permite que se tenha uma abertura para questionamentos e entendimentos de obras que tratam do erotismo, e assim, é possível colocá-las na condição de fontes de conhecimento que podem ser acessíveis ao público que gosta, e também para aquele que ainda não a conhece, dentro de uma possível visão mais aberta, que não paira em preconceitos. Aponta Giles (1975, p. 111) que,

A sexualidade não é necessariamente uma realidade desprezível ou baixa. Aliás, a grande polêmica de Nietzsche contra o cristianismo tem por um dos fundamentos a [idéia] de que o cristianismo, sob a forma de um doentio moralismo, ensinou o homem a envergonhar-se de todos os seus instintos e que considera o sexo como algo fundamentalmente baixo.

Diante do que foi exposto acima, o bibliotecário precisa estar pautado por diretrizes informacionais que permitam a inserção da literatura erótica, adotando os devidos cuidados quanto aos seus usuários. O que defendemos a partir desta pesquisa não é o silenciamento



dessas obras, mas a classificação coerente e o acesso para o público, de acordo com seu perfil. Identificando de que não há ainda no país pesquisas voltadas para a classificação de obras eróticas, buscaremos atender a esta lacuna, tomando por base as classificações da Classificação Indicativa na TV do Ministério da Justiça do Brasil<sup>2</sup>. Não se intenta com a adoção desta classificação, associada às classificações bibliográficas, estabelecer a censura às obras, mas permitir que o seu público-alvo tenha acesso e desfrute dessas produções literárias.

Logo abaixo, uma listagem de 8 (oito) sugestões de obras eróticas que podem aguçar o íntimo do(a) leitor(a), extraídas da Revista Vogue, por Paula Jacob (2019, online):

**Sugestão 1** – A Vênus das peles, de Sacher-Masoch (1870).

**Resumo:** É tido como a primeira narração a submissão sexual e existencial como forma de prazer - posteriormente conhecida e consagrada por Freud como masoquismo. A Vênus das Peles (Editora Hedra), obra consagrada, é também uma das leituras fundamentais para compreender a literatura contemporânea e as nuances de liberdade e realização, se alimentando reciprocamente.

**Sugestão 2** – O olho de Lilith: antologia erótica de poetas cearenses, Mika Andrade (2019).

**Resumo:** Lilith, a imagem da mulher que tudo vê. Ela foi a primeira mulher de Adão e se negou a posição de submissão feminina ao homem, rebelando-se no Jardim do Éden. Em algumas culturas, ela é vista como uma deusa da noite, em outras a deusa da fertilidade. Sob esse mistério, O Olho de Lilith (Pólen) reúne poemas eróticos de jovens escritoras cearenses, usando o corpo como provocação política e do prazer da mulher.

**Sugestão 3** – História do olho, de Georges Bataille (1928).

**Resumo:** Usando a filosofia como base da construção da relação entre sexo, violência e morte, Georges Bataille escreve em História do Olho (Companhia das Letras), primeira e mais célebre de sua autoria, uma novela sobre as aventuras sexuais de Lord Auch e sua

---

<sup>2</sup> MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Classificação indicativa:** guia prático. 3.ed. Brasília: Ministério da Justiça, 2018. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao/guia-pratico/classind-guia-pratico-de-audiovisual-3o-ed.pdf>. Acesso: 10 ago. 2020.

amiga Simone. O surrealismo francês é pano de fundo para essa narrativa nada convencional, regada de extravagâncias.

**Sugestão 4** - Cem Escovadas Antes de ir para a Cama, de Melissa Panarello (2003).

**Resumo:** Este livro foi sucesso de vendas logo no seu lançamento por apresentar uma escrita em forma de diário pessoal, que por vezes confunde o leitor com ficção e veracidade (experiências da própria autora). A obra relata as vivências e escolhas sexuais da protagonista, uma jovem de 15 anos, estudiosa, virgem e em busca do amor dos pais. Culpa e prazer formam as incertezas da personagem nas aventuras sexuais.

**Sugestão 5** - Os 120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem, de Marquês de Sade (1904).

**Resumo:** Este livro é tido como "apenas" a obra mais importante da literatura erótica. e foi pensado pelo autor como sua criação principal. O romance acompanha quatro jovens que se isolam em um castelo no meio da Floresta Negra, na Alemanha, para contarem suas aventuras sexuais nos bordéis e os desejos dos clientes. Os 120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem (Penguin Companhia) foi escrito em 1785, mas ficou proibido até 1904. Na edição com posfácio de Eliane Robert Moraes, ela questiona: "Estariamos nós, enfim, prontos para ler um dos livros mais controversos de todos os tempos?".

**Sugestão 6** – Pornô Chic, de Hilda Hilst (2014).

**Resumo:** Cansada de ser ignorada pela crítica especializada após 40 anos de carreira literária, Hilda Hilst resolveu escrever adoráveis bandalheiras, que, posteriormente, deu origem à Trilogia Obscena ("O caderno rosa de Lori Lamby", "Contos d'escárnio – textos grotescos", "Cartas de um sedutor") e ao livro de poemas Bufólicas. Todos estes reunidos na coletânea ilustrada por Millôr Fernandes, Laura Teixeira e Veridiana Scarpelli, Pornô Chic (Biblioteca Azul), ainda inclui o inédito Fragmento pornográfico rural e fortuna crítica. As obras foram de tamanha importância para a escritora, que ela deixou de ser vista como uma "autora sofisticada demais". Em 1990, ela definiu: "A sexualidade pode ser adorável, perversa ou divertida, mas eu acho que o ato de pensar excita muito mais do que uma simples relação sexual. A mim pelo menos, há muitos anos é assim".

**Sugestão 7** – O Supermacho: romance moderno, de Alfred Jarry (2017).

**Resumo:** Ambientado em 1920, este romance de Alfred Jarry mistura literatura erótica com ficção científica para descrever a saga do protagonista em realizar atos amorosos em escala sobre-humana. O Supermacho (Ubu) fala, além da sexualidade, da relação entre o corpo e as máquinas (considerando a época da escrita); o desejo e a competição. A obra discute uma sociedade que avança tecnologicamente, mas acaba sendo submetida a ela.

**Sugestão 8** – Pequenos pássaros: histórias eróticas, de Anaïs Nin (1979).

**Resumo:** Anaïs Nin, que mistura poesia literária bem particular com uma sinceridade para tratar temas eróticos, encanta qualquer um com a sua forma de escrever. Obra publicada pela (L&PM Pocket), a escritora francesa reúne 13 histórias, escritas em 1940 e só publicadas em 1970, com protagonistas majoritariamente femininas que dão vazão para as paixões ao mesmo tempo que encaram seus anseios sexuais.

São leituras que podem despertar em leitores o gosto por ler estes tipos de obras, e desmitificar em muitos a visão pejorativa posta sobre obras que tematizam o erotismo, já que as produções citadas tratam, prioritariamente, sobre a sexualidade.

## **5 PERCURSO METODOLÓGICO**

Dado o estudo aqui apresentado, o percurso metodológico fez uso do método dialético para proporcionar e descrever os fatos, sem permitir que o julgamento teórico alterasse sua natureza e sua importância, como pensamento preestabelecido que ronda, com preconceito, as obras eróticas sem dar a devida importância a sua construção, essência e finalidade, que carrega detalhes comuns como a intimidade e a criatividade advindas do próprio íntimo ou a partir de vivências, observações ou memórias afetivas de um(a) autor(a).

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza exploratória, que para Gil (2014, p. 27) tem “[...]como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”, por possibilitar uma maior aproximação com os fatos estudados, tomando como objeto de investigação desta pesquisa as obras de teor erótico e suas representações nas classificações bibliográficas, como a CDU e a CDD.

Balizada pelas técnicas de pesquisa exploratória, a investigação procurou explorar o problema e compreender de maneira mais precisa as definições e características da literatura erótica, visando auxiliar na abordagem sobre estas obras, muitas vezes marginalizadas nas bibliotecas por profissionais que lidam com a informação, como os bibliotecários. Para estabelecer a discussão e a análise, partindo da hipótese de que as obras não são classificadas de acordo com seu gênero literário e temática, foram mapeadas junto às bibliotecas das Universidades Federais do Estado do Ceará, clássicos da literatura erótica, disponíveis nas bases de dados das bibliotecas, a fim de identificar como suas respectivas classificações foram representadas.

### **5.1 Etapas da pesquisa**

A classificação da literatura erótica é a forma de lidar com um gênero, em prosa ou poesia, que vem sendo deixado de lado ou ignorado por muitos, pois ele confronta os costumes morais e conservadores de uma sociedade, exigindo que para estudar tal temática, busquemos seus fundamentos. “Existem mitos e preconceitos quando se trata de literatura

erótica. Necessitamos de uma visão crítica e consciente relacionada ao assunto” (GOMES, CARVALHO, 2017, p. 2).

Fazendo uso da Análise de Conteúdo, procedeu-se a observação de como as obras estavam sendo classificadas pelas bibliotecas universitárias das Instituições Federais de Ensino Superior, com recorte para o Estado do Ceará, a saber: Universidade Federal do Ceará – UFC, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, Universidade Federal do Cariri – UFCA e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. A partir deste recorte, buscou-se nos portais institucionais quais eram as classificações adotadas para obras de teor erótico e como estas estão representadas tematicamente na recuperação da informação.

Explorando as fases que conduzem a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), partimos da fase 1, de pré-exploração do material com o intuito de apreender e organizar de forma estruturada aspectos importantes para as próximas fases da análise. Assim, identificamos os portais institucionais e os sites de suas respectivas bibliotecas, bem como os catálogos.

Na fase 2, seleção das unidades de análise, é necessário que se defina a unidade de análise que será buscada no processo de investigação. Existem várias opções na escolha dos recortes a serem utilizados, e nesse momento as unidades de análise foram definidas como: os títulos das obras e em seus registros, nos catálogos, o número de classificação que estavam representados, além de qual/quais descritores estavam atribuídos às obras. A identificação das unidades de análise foi decisória para que compreendêssemos como as bibliotecas tratam a literatura erótica em seus acervos.

Na sequência, para identificar as obras nos portais institucionais, foram selecionadas as obras que comumente são consideradas de conteúdo erótico e que foram encontradas com maior frequência, a partir de pesquisas nas bases de acesso aberto, nas bibliotecas *online* das instituições de ensino pesquisadas. Os títulos selecionados foram:

- **Os 120 dias de Sodoma ou A escola da libertinagem**, de Marquês de Sade (1904);
- **A filosofia na alcova, ou, Os preceptores imorais**, de Marquês de Sade (1795);
- **Lolita**, de Vladimir Nabokov (1955);
- **O crime do Padre Amaro**, de Eça de Queirões (1875);
- **Decameron**, de Giovanni Boccacci (1993);

- **A Casa dos Budas ditosos**, de João Ubaldo Ribeiro (1999).

Na fase 3, e última, processo de categorização, foram relacionadas às notações empregadas pelas bibliotecas nas obras e localizadas nas suas respectivas tabelas de classificação, com o objetivo de verificar se a classificação representava a obra de acordo com sua temática. Para estruturação da tabela de análise e a definição das unidades de análise, realizamos uma primeira busca pela obra “A casa dos Budas Ditosos”, de João Ubaldo Ribeiro, para identificar os campos de representação nos catálogos das bibliotecas. Para exemplificar as formas de representação temática, a busca se procedeu em catálogos *online* das Bibliotecas (Universidade Federal do Ceará – UFC, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, Universidade Federal do Cariri – UFCA e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB) e demonstrou as primeiras impressões, como vemos nas figuras abaixo. Ressaltamos que nem todas as Instituições possuem o livro de João Ubaldo em seus catálogos. No entanto, entre as IFES, duas recuperaram a obra, a UFC e o IFCE. Nesta última, a obra é encontrada no catálogo de 4 (quatro) de seus *campi*, e é possível confirmar a nossa hipótese, ao observar as formas genéricas de representação adotadas pelas bibliotecas:

Figura 1 – Pesquisa da obra no catálogo *online* da base da Biblioteca da UFC: A casa dos Budas Ditosos

The image shows a screenshot of a library catalog record. At the top, there is a blue header with the text "Dados do acervo - Livros". Below this, there are search filters for "Ano de publicação" and "Tipo de obra", and a "Twitter" button. The main content is a table with the following data:

Número de Chamada	B869.34R369c Biblioteca de Ciências Humanas
Autor Principal	Ribeiro, João Ubaldo, <a href="#">Detalhes</a> 1940- <a href="#">Detalhes</a>
Título Principal	A casa dos budas ditosos / João Ubaldo Ribeiro
Publicação	Rio de Janeiro, RJ : Objetiva, 1999.
Descrição Física	163 p. ; 22 cm
Série	(Plenos pecados)
ISBN	ISBN (broch.)
Assuntos	<a href="#">Ficção brasileira</a> <a href="#">Detalhes</a>

At the bottom of the record, there are navigation links: "Categorias", "Relacionados", "Livraria", "Dados gerais", and "Reserva".

Fonte: <https://pergamum.ufc.br/pergamum/biblioteca/>.

Como é possível identificar na Figura 1, a Biblioteca da UFC utiliza o sistema de classificação CDD, e a notação atribuída à obra aponta que é uma ficção brasileira, sendo

sua notação genérica, indicando o país a que pertence a literatura ou gênero literário, e não o assunto principal que seria literatura erótica.

Figura 2 – Pesquisa da obra no catálogo *online* da base da Biblioteca do IFCE (Campus Fortaleza): A casa dos Budas Ditosos

1		Material	Livro	<input type="checkbox"/> Selecionar
		Nº de chamada	B869.3 R484c	Detalhes
		Ent. princ.	Ribeiro, João Ubaldo	Exemplares
		Título	A Casa dos budas ditosos	Reservar
		Ano	1999	Referência
		Assuntos	LITERATURA BRASILEIRA - ROMANCE	
		Acervo	CAMPUS FORTALEZA: 1 exemplar	

Fonte: <http://biblioteca.ifce.edu.br/>.

No IFCE, a obra foi recuperada em 4 *campi*. Em todas as buscas a obra é indicada como Literatura Brasileira e utiliza a classificação da CDD com a notação genérica B869.3. O B indica o país da obra (figura 2).

Figura 3 – Pesquisa da obra no catálogo *online* da Biblioteca do IFCE (Campus Canindé): A casa dos Budas Ditosos

2		Material	Livro	<input type="checkbox"/> Selecionar
		Nº de chamada	B869.3 R484c	Detalhes
		Ent. princ.	Ribeiro, João Ubaldo	Exemplares
		Título	A Casa dos Budas ditosos	Reservar
		Ano	1999	Referência
		Assuntos	LITERATURA BRASILEIRA - FICÇÃO	
		Acervo	CAMPUS CANINDÉ: 2 exemplares	

★★★★★ Seja o primeiro a avaliar

Fonte: <http://biblioteca.ifce.edu.br/>.

Na figura 3, é possível verificar que na biblioteca do IFCE, no Campus de Canindé, a mesma obra é representada tematicamente como ficção, mas mantém a notação genérica de literatura brasileira.

Figura 4 – Pesquisa da obra no catálogo *online* da Biblioteca IFCE (Campus Quixadá): A casa dos Budas Ditosos

Material	Livro	<input type="checkbox"/> Selecionar
Nº de chamada	B869.3 R484c	Detalhes
Ent. princ.	Ribeiro, João Ubaldo	Exemplares
Título	<b>A Casa dos budas ditosos</b>	Reservar
Ano	1999	Referência
Assuntos	LITERATURA BRASILEIRA - ROMANCE	
Acervo	CAMPUS QUIXADÁ: 1 exemplar	

★★★★★ Seja o primeiro a avaliar

Fonte: <http://biblioteca.ifce.edu.br/>.

Nas obras das bibliotecas do IFCE, nos campi de Quixadá e Acaraú (Figura 4 e 5), a classificação adotada também é genérica, no entanto descrita como romance.

Figura 5 – Pesquisa da obra no catálogo *online* da Biblioteca do IFCE (Campus Acaraú): A casa dos Budas Ditosos

Material	Livro	<input type="checkbox"/> Selecionar
Nº de chamada	B869.3 R484c	Detalhes
Ent. princ.	Ribeiro, João Ubaldo	Exemplares
Título	<b>A casa dos budas ditosos</b>	Reservar
Ano	1999	Referência
Assuntos	LITERATURA BRASILEIRA - ROMANCE	
Acervo	CAMPUS ACARAÚ: 4 exemplares	

★★★★★ Seja o primeiro a avaliar

Fonte: <http://biblioteca.ifce.edu.br/>.

Assim, é observado que no catálogo *online* da Universidade Federal do Ceará – UFC, o livro é classificado como ficção brasileira, já nos exemplos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, pode ser vista a mesma obra, com 4 (quatro) ocorrências, sendo classificada como literatura brasileira - ficção ou romance, todas dando destaque à nacionalidade da obra, deixando de lado o gênero literário e o conteúdo do livro enquanto obra de ficção. Em nenhuma das buscas foram localizados termos que definissem o assunto “literatura erótica”. Porém, chamamos a atenção para a notação, que foi a mesma usada por todos os sistemas.



Essa primeira busca possibilitou elencar as unidades de análise que conduziram a busca e a identificação pelos clássicos da literatura erótica, que foram estabelecidos como parâmetro para a investigação nos catálogos. Para análise dos dados, as unidades de análise centraram-se no título, no código de classificação atribuído pela biblioteca, em como esse código é definido na CDD e com quais descritores foram indexadas as obras, para que fosse possível localizar alguma informação que pudesse identificar o conteúdo dos livros recuperados. Os termos indexadores foram considerados na nossa análise, tendo em vista que potencialmente são mais indicados para descrever tematicamente e com maior precisão uma obra.

## 5.2 Análise dos dados

Para evidenciar como as bibliotecas representam as obras, realizamos a busca pelas seis obras selecionadas, nas quatro instituições. Para cada obra, coletamos o código de classificação e seus descritores. Ao lado do código, dispomos o que esse representa tematicamente junto à notação estabelecida pela CDD, que é a classificação utilizada por todas as bibliotecas pesquisadas. Destacamos que a Biblioteca da UNILAB não possui nenhuma das obras, não gerando dados para inserção no quadro 4:

Quadro 4 – Análise de obras eróticas pesquisadas nos catálogos da UFC, IFCE e UFCA.

<b>UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI</b>			
<b>Título/ Autor</b>	<b>Código de Classificação</b>	<b>CDD (Descritores)</b>	<b>Descritor utilizado</b>
<b>Lolita/</b> Vladimir Nabokov	813	Ficção Norte-Americana	Literatura norte-americana - Romance
<b>Os 120 dias de Sodoma ou A escola da libertinagem/</b> Marquês de Sade	<b>194</b>	<b>Filosofia Francesa</b>	<b>Filosofia francesa</b>
<b>A filosofia na alcova, ou, Os preceptores imorais/</b> Marquês de Sade	<b>194</b>	<b>Filosofia Francesa</b>	<b>Materialismo</b> <b>Erotismo</b> <b>Filosofia francesa</b>

O crime do Padre Amaro/ <b>Eca de Queiròs</b>	----	----	----
Decameron/ <b>Giovanni Boccacci</b>	----	----	----
<b>A Casa dos Budas ditosos/</b> João Ubaldo Ribeiro	----	----	----
<b>UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ</b>			
<b>Título/ Autor</b>	<b>Código de Classificação</b>	<b>CDD (Descritores)</b>	<b>Descritor utilizado</b>
<b>Lolita/</b> Vladimir Nabokov	891.73	Romance russo	Ficção russa
<b>Os 120 dias de Sodoma ou A escola da libertinagem/</b> Marquês de Sade	----	----	----
<b>A filosofia na alcova, ou, Os preceptores imorais/</b> Marquês de Sade	843	Literatura Francesa - Ficção	Ficção francesa
O crime do Padre Amaro/ <b>Eca de Queiròs</b>	869.3	Romance Brasileiro	Literatura Portuguesa
Decameron/ <b>Giovanni Boccacci</b>	853/ 853.1	Ficção Italiana	Contos italianos Ficção italiana Literatura Italiana
<b>A Casa dos Budas ditosos/</b> João Ubaldo Ribeiro	B869.34	Romance Brasileiro	Ficção brasileira
<b>INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ</b>			
<b>Título/ Autor</b>	<b>Código de Classificação</b>	<b>CDD (Descritores)</b>	<b>Descritor utilizado</b>
<b>Lolita/</b> Vladimir Nabokov	813	Ficção Norte-Americana	Literatura Norte-Americana - Romance
<b>Os 120 dias de Sodoma ou A escola da libertinagem/</b> Marquês de Sade	----	----	----
<b>A filosofia na alcova, ou, Os preceptores imorais/</b> Marquês de Sade	----	----	----
O crime do Padre Amaro/ <b>Eca de Queiròs</b>	869.09 e 869.3/ 808.8	Romance Brasileiro/ Retórica e Coleção de textos literários	Literatura Portuguesa - Romance Literatura Infanto-Juvenil Literatura Portuguesa
Decameron/ <b>Giovanni Boccacci</b>	857	Literatura Italiana - Sátira	Literatura Italiana - Sátira

Fonte: Catálogos online da UFC, IFCE, UFCA, 2020.

As obras pesquisadas foram encontradas em pelo menos um dos catálogos das bibliotecas pesquisadas, com exceção da UNILAB. Entre as representações, nota-se como as classificações se divergem. No caso do IFCE, que conta com um grupo de campus que apresenta mais divergências nas classificações, temo como exemplo a obra “O crime do Padre Amaro”. Como prova disso, os descritores usados são: Literatura portuguesa e, como surpresa, a obra também é descrita como Literatura infanto juvenil. Ainda a obra “O crime do Padre Amaro”, de Eça de Queirós, possui 5 (cinco) classificações diferentes entre as instituições. Nenhuma das obras foi classificada como “literatura erótica”. Na biblioteca da UFCA, a obra “A filosofia na alcova, ou, Os preceptores imorais”, de Marquês de Sade, recebe o descritor “erotismo”, mas sua classificação está em Filosofia francesa. As bibliotecas pesquisadas aparecem em nenhuma das pesquisas com obras classificadas sob o número de notação: 808.803.538 (pertence a Subclasse 808.8 - Retórica e Coleção de textos literários de mais de duas literaturas), tendo em vista que a classificação 808.803.538 da CDD 23º Edição, em inglês, é representada como *Erotic Literature*.

Por fim, procedemos pela busca utilizando os descritores “Erotismo” e “Literatura erótica”, a recuperação se dá em grande parte para obras científicas que tratam de questões relacionadas ao erotismo ou à escrita erótica e trabalhos acadêmicos sobre a temática, como teses e dissertações.

Na busca pelos descritores, na UFCA foi recuperada por “erotismo” a obra de Marquês de Sade, mas como dito anteriormente, esta encontra-se classificada como Filosofia francesa. Utilizando o descritor “literatura erótica” foram recuperadas duas obras, mas que possuíam no título a palavra erótica, no entanto, suas classificações não correspondiam à classe que define a literatura erótica.

Na UFC, muitas teses e dissertações têm como temática o erotismo e a literatura erótica, e foram recuperados 1007 itens, no entanto, nenhum estava classificado como literatura erótica.

O sistema do IFCE retornou à pesquisa “erotismo” por obras como “A insustentável leveza do ser”, de Milan Kundera; “Gabriela Cravo e Canela”, de Jorge Amado; e “Para sempre sua”, de Sylvia Day, classificadas respectivamente por Literatura Tcheca, Literatura Brasileira – Romance e Literatura Norte-Americana. O termo erotismo aparecia apenas no campo “conteúdo”, onde é apresentada uma breve descrição das obras. A busca por “literatura erótica” recuperou apenas uma obra que possui entre seus descritores: Literatura

Brasileira – Poesia Erótica, entretanto sua classificação é B869.7 (Humor e sátiras brasileiras). As demais eram obras científicas sobre a temática e/ou continham no título ou na descrição do conteúdo a palavra “erótica”.

A pesquisa no Sistema de Bibliotecas da UNILAB seguiu o mesmo percurso, quando utilizados os termos na busca, foram recuperadas obras que continham a palavra em seus títulos ou na descrição de seus conteúdos, mas sua classificação remetia à outra temática, como por exemplo: literatura brasileira (B869.31) ou Análise do Discurso Literário (808.0014).

As questões evidenciadas na pesquisa apontam para um explícito silenciamento da literatura erótica nas bibliotecas, seja pela falta de conhecimento das temáticas de seus conteúdos (que sugere um preconceito), seja por entender que estas não devem ser assim descritas (que sugere uma censura). Dessa forma, essas observações inquietam para o fato de que é necessário que esses temas sejam amplamente discutidos, e que materiais técnicos e didáticos sejam produzidos para que os profissionais conheçam e representem essas obras de maneira que possam estar acessíveis para o público ao qual se destina, e recebam restrições devidas para aqueles usuários que não se enquadram na faixa etária para ter acesso a esse tipo de leitura ainda.

Nesse sentido, esta pesquisa debruçou-se sobre a produção de um material sintetizado, didático, autoexplicativo e que permita ao bibliotecário uma leitura técnica, a adoção de procedimentos que garantam a classificação correta das obras e o acesso adequado a cada tipo de usuário. Como resultado desenvolvemos um Guia, mais bem detalhado na próxima seção, que se configura como o produto desta pesquisa.

## 6 PROPOSTA METODOLÓGICA: GUIA DE CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA PARA LITERATURA ERÓTICA

Evidenciadas as questões éticas e o silenciamento de muitas obras junto às bibliotecas, apresentamos a proposta de um guia explicativo com características que venham facilitar para o profissional bibliotecário o processo que envolve o momento da classificação de uma obra de teor erótico. Como modelo, utilizar-se-á a Classificação Indicativa na TV do Ministério da Justiça do Brasil.

Figura 6 – Os símbolos da Classificação Indicativa na TV brasileira

Símbolo	Classificação Indicativa	Características	Horário de exibição
L	Livre	Não expõe crianças a conteúdos potencialmente prejudiciais.	Exibição em qualquer horário.
10	Não recomendado para menores de 10 anos.	Conteúdo violento ou linguagem inapropriada para crianças, ainda que em menor intensidade.	Exibição em qualquer horário.
12	Não recomendado para menores de 12 anos.	As cenas podem conter agressão física, consumo de drogas e insinuação sexual.	Exibição a partir das 20h.
14	Não recomendado para menores de 14 anos.	Conteúdos mais violentos e/ou de linguagem sexual mais acentuada.	Exibição a partir das 21h.
16	Não recomendado para menores de 16 anos.	Conteúdos mais violentos ou com conteúdo sexual mais intenso, com cenas de tortura, suicídio, estupro ou nudez total.	Exibição a partir das 22h.
18	Não recomendado para menores de 18 anos.	Conteúdos violentos e sexuais extremos. Cenas de sexo, incesto ou atos repetidos de tortura, mutilação ou abuso sexual.	Exibição a partir das 23h.

Fonte: [http://www.justica.gov.br/seusdireitos/classificacao/cartilh\\_informacaoliberalidadeescolha.pdf](http://www.justica.gov.br/seusdireitos/classificacao/cartilh_informacaoliberalidadeescolha.pdf).

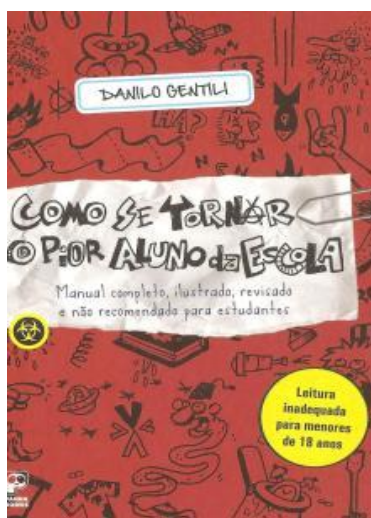
Esse sistema de classificações foi criado em 1990, direcionada a filmes, aplicativos, jogos eletrônicos e programas de televisão no Brasil, voltado para preservar a faixa etária de crianças e adolescentes, e envolve três temas importantes: sexo, drogas e violência. A Classificação Indicativa é um conjunto de informações sobre o conteúdo de obras audiovisuais e diversões públicas quanto à adequação de horário, local e faixa etária. Ela alerta os pais ou responsáveis sobre a adequação da programação à idade de crianças e adolescentes. É da Secretaria Nacional de Justiça (SNJ), do Ministério da Justiça (MJ), a

responsabilidade da Classificação Indicativa de programas TV, filmes, espetáculos, jogos eletrônicos e de interpretação (RPG) (BRASIL, 2009).

A análise é feita ponderando a frequência, relevância, contexto, intensidade e importância desses temas para a trama. Essa margem de subjetividade garante uma flexibilidade que é fundamental para o processo e para o resultado da classificação (BRASIL, 2009). Partindo dos princípios utilizados desta tabela indicativa, estruturamos um guia que venha auxiliar na tomada de decisão para inserir e dar acesso a uma obra literária que contenha em seu conteúdo sexualidade e/ou erotismo, respeitando as faixas etárias no processo de classificação.

Não há no país classificação indicativa para livros de maneira explícita. A Editora Panda Books adotou tal estratégia após receber denúncias no Ministério Público, relativas ao teor do livro “Como se tornar o pior aluno da escola”, do humorista Danilo Gentili. A obra classificada como inadequada por conter histórias picantes e “piadas debochadas, demolidoras e infames”, recebeu o selo (figura 7) para que pudesse ser comercializada para o público indicado (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010, online).

Figura 7 – Livro ganha selo de advertência



Fonte: Folha de São Paulo (2010, online). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u717768.shtml>

Para que a biblioteca fique assegurada de problemas semelhantes, é importante conhecer seus usuários e lembrar que existem características específicas destinadas a literatura em questão, mas vale salientar que para classificação, as ocorrências maiores

estão voltadas para os gêneros: conto, romance e crônica. Esses parâmetros e os exemplos utilizados na pesquisa foram retirados dos catálogos *online* das bibliotecas das seguintes universidades federais do Ceará que possuem catálogos *online*: UFC, IFCE, UNILAB e UFCA, lembrando que nem todos os catálogos pesquisados possuíam as obras que desejávamos analisar.

O Guia Explicativo da Classificação Indicativa de Literatura Erótica (Apêndice B) vem ajudar os bibliotecários que possuem dificuldade em lidar com esses materiais informacionais, com a identificação da temática principal da obra e a decisão tomada de sua inserção no acervo, pelo próprio profissional ou em comum acordo com a instituição quando for o caso, para assim fazer a classificação dos itens. É importante frisar que o tratamento de obras eróticas exige atenção quanto ao seu conteúdo, o que indica uma análise mais minuciosa para identificação do conteúdo.

Para se chegar a tais classificações, sugere-se que sejam feitas: uma leitura prévia da obra, do seu sumário, índice ou resumo; uma pesquisa sobre o autor, o contexto que surgiu e a história da obra; por fim, analisar se a obra por si só já indica a faixa etária de leitura, que venha ser adotada por alguma editora.

Selecionada a obra a ser inserida com a temática erótica, priorizando o acesso ao usuário da biblioteca que procura por esse assunto, indica-se o uso da tabela adaptada da Classificação Indicativa do Ministério da Justiça do Brasil, em seu item B – Sexo e Nudez. Identifica-se o nível do conteúdo da obra em relação à faixa etária, classificação indicativa, características e o acesso, a partir da tabela, sugerindo a adoção das etiquetas coloridas (figura 8) nas lombadas ou em alguma parte visível das obras impressas, conforme os critérios de análise, para indicar assim a todos, que se trata de uma literatura erótica, ou não acessível para determinada idade.

Figura 8: Classificação indicativa brasileira



Fonte: Ministério da Justiça (2018).

Portanto, o classificador ou catalogador para facilitar o acesso precisa utilizar em seu catálogo a notação científica correta para literatura erótica encontrada na CDD, detalhada no Apêndice B, partindo do princípio do livre acesso, porém considerando as questões éticas.

Fazendo uso do Guia proposto, realizamos a classificação de algumas obras, a fim de oferecer um exemplo da aplicação da Classificação para literatura erótica em bibliotecas. As sínteses de obras foram retiradas do site da Editora Saraiva e a partir dessa leitura, identificados os critérios de análise, foram atribuídas as identificações (Apêndice A).

O Guia foi estruturado para que siga os passos da análise e adoção dos critérios conforme o material de apoio do Ministério da Justiça. A utilização das etiquetas de cores é um item opcional, mas podem ser afixadas nas obras na lombada, ou elaborado um selo próprio. A indicação do uso visa que usuários, independentemente de suas idades, possam acessar as obras sem que sejam constrangidos ou censurados.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Organização e Representação da Informação e do Conhecimento (ORI e ORC) permite ao usuário respostas as suas necessidades informacionais, considerando seu perfil e seus interesses de pesquisa. Ao falar de literatura erótica, muitos a comparam com a pornografia, tendo em vista a tênue linha que separa suas definições. É essencial ressaltar que ambas tratam sobre a sexualidade, e na hora da classificação as notações precisam refletir a correta representação dessas obras, para que não tenham suas representações distorcidas ou ignoradas. Dentro do contexto ORC, essa literatura de teor erótico precisa ser analisada a partir do processo de extração de informações do documento para dá-lo uma notação científica através da CDD ou CDU (sistemas de classificações documentárias mais utilizadas) da forma mais aproximada possível e com descritores importantes para sua recuperação num acervo.

A ética informacional está intimamente ligada e influencia o fazer bibliotecário, principalmente no momento da classificação, que pode silenciar as obras, classificando-as com outras temáticas que não como a própria literatura erótica. Por este motivo muitos bibliotecários vivem num dilema, em transmitir este tipo de informação ao seu usuário e deixá-lo ter livre acesso ao documento sem nenhum tipo de restrição, qualquer que seja a informação, ou classificá-lo com uma notação mais “amena”, sem chamar atenção para o teor do livro.

Em relação aos objetivos propostos e a vivência, como bibliotecário no tratamento informacional, mais especificamente, ao se deparar com uma obra de teor erótico na decisão de inserir ou não esse tipo de material, reconhecemos que nossa pesquisa mostrou a importância do posicionamento ético no processo de representação e organização da informação, exigindo cuidados muitas vezes não previstos nas obras, quanto ao seu teor e acesso. Nesse sentido, almejamos oferecer, como material conclusivo desta pesquisa, um produto que facilite a decisão do bibliotecário e permita que ele represente o material estabelecendo o acesso de acordo com a indicação etária para acesso às obras, com base na Tabela de Indicações para materiais televisivos do Ministério da Justiça. Objetivamos que essa adequação para a literatura erótica permita a utilização correta para a notação científica, que é o assunto principal, como a literatura erótica, oportunizando que os

usuários tenham acesso a diversidade de obras que compõem a literatura brasileira e estrangeira, reconhecendo que a biblioteca é espaço de educação, cultura e lazer.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRIAN. **História da Literatura Erótica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ALVES, D. M. Catulo revisitado: reflexões sobre propostas de traduções do poema 16 em língua portuguesa. **Cadernos de tradução**, Florianópolis, Santa Catarina, v. 38, n. 2, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n2p120>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BARBOSA, A. P. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1969.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, F. R. dos S. Bibliotecário e o compromisso social: quais as possibilidades para a realização desse encontro. *In*: SOUTO, L. F. **O profissional da informação em tempo de mudanças**. São Paulo: Ed. Alínea. 2005. p.69-82.

BEZERRA, B. A. N.; MARQUES JÚNIOR, M. O erotismo elegíaco nos amores de Ovídio. *[s. l.]*: s.n., 2016. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=cat06476a&AN=ufp.531004&lang=pt-br&site=eds-live>. Acesso em: 6 mar. 2020.

BORBA, F. S. (Org.). **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

BRASCHER, M., CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? *In*: IX ENANCIB: diversidade cultural e políticas de informação, **GT-02 - Organização e Representação do Conhecimento**, São Paulo, USP, 2008.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Classificação indicativa: informação e liberdade de escolha**. Brasília: Ministério da Justiça, 2009. Disponível em: [http://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao/cartilh\\_informacaoliberaldadeescolha.pdf](http://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao/cartilh_informacaoliberaldadeescolha.pdf). Acesso em: 10 jan. 2019.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CAMPOS, M. L. de A. **Em busca de princípios comuns na área de representação da informação: uma comparação entre o método de classificação facetada, o método de tesouro-baseado-em-conceito e a teoria geral da terminologia**. 1994. 196f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

CAMPOS, M. L. de A. Perspectivas para o estudo da área de representação da informação. **Ciência da Informação**, v.25, n.2, 1995.

CARVALHO, R. A. de. **Erotismo e intertextualidade na narrativa de Márcia Denser**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2275/1/Renata%20Augusto%20de%20Carvalho.pdf>. Acesso em: 21 de fev. 2019.

CASTELLO BRANCO, L. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CATIVO, J. (ed.). Fontes de informação: conceitos e tipos. **Biblioteconomia Digital**, 2019. Disponível em: <https://www.biblioteconomiadigital.com.br/2012/02/fontes-de-informacao-conceitos-e-tipos.html> . Acesso em: 10 jan. 2020.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ética, 2003.

CINTRA, A. M. et al. **Para entender as linguagens documentárias**. São Paulo: Polis: APB, 1994. 72 p.

CORTINA, A.; MARTÍNEZ, E. **Ética**. São Paulo: Loyola, 2005.  
DEWEY, M. **Dewey decimal classification and relative index**. 23. ed. Dublin, Ohio: OCLC, 2011. 4 v.

FERREIRA, D. M. M. (org.). Agência na linguagem: do diferente ao semelhante. *In: Estudos críticos da linguagem*. Curitiba: Appris, 2017.

FIGUEIREDO, N. M. A modernidade das cinco leis de Ranganathan. **Ciência da Informação**, Brasília, 21 (3): 186-191, set/dez. 1992.

FIGUEIREDO, N. M. **Paradigmas modernos da Ciência da informação**. São Paulo: Polis, 1999.

FRIEDMAN, A., THELLEFSEN, M.. Concept theory and semiotics in knowledge organization", **Journal of Documentation**, v. 67 Cap. 4, p.644-674. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/0022041111114503h4>. Acesso em: 02.dez.2018.

GALANTIN, D. V. Considerações sobre "o erotismo", de Georges Bataille: um pensador do paradoxo e da transgressão, [s. l.]: s.n., set. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cli/article/viewFile/40261/24591>. Acesso em: 16 jan. 2020.

GALLOTTI, A. **Sexo tântrico**: os segredos mais sensuais do erotismo oriental ao seu alcance. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

GARRIDO, I dos S. Organização da informação: uma análise conceitual. **Relatório parcial PIBIC/CNPQ/UFSC 2010-2011**. Florianópolis, 2011.30 p.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993. 228 p.

GIGANTE, M. C. Os sistemas de classificação bibliográfica como interface biblioteca/usuário. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 2, 1995.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GIL, A. C. **Pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GILES, T. R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 1975.

GOMES, G. Os dois conceitos freudianos de Trieb. **Psic.: Teoria e Pesquisa**, v.17, n.3, Brasília. set. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722001000300007>. Acesso em: 12 jan. 2020.

GOMES, M. C. da S.; CARVALHO, Luciana Moreira. Literatura erótica em blogs: análise do universo feminino nos blogs de literatura erótica. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, RN, v.1, n.3, jul./dez., 2017.

GUIMARÃES, J. A. C. **A ética na formação do bibliotecário: uma reflexão**. São Paulo: Palavra-chave 8, 1994.

GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, n.1, p. 77-99, 2008. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/RICI/article/viewArticle/2761>>. Acesso em: 23 abril. 2019.

GUIMARÃES, J. A. C. **A Legislação Profissional do Bibliotecário**. São Paulo: Associação Paulista de Bibliotecários, 1996.

GUIMARÃES, J. A. C.; Pinho, F; A. Aspectos éticos em organização e representação do conhecimento (O.R.C.). **Grupo de Trabalho da ANCIB: Organização e representação do conhecimento**, Marília (SP), VII ENANCIB (GT2), 2006.

JACOB, P. Dia do sexo: 8 livros de literatura erótica para se inspirar: Contos, crônicas e histórias baseadas em acontecimentos reais compõem a lista. **Casa Vogue**, Lazer e Cultura, São Paulo, Editora Globo. Set. 2019. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/LazerCultura/Livros/noticia/2019/09/dia-do-sexo-8-livros-de-literatura-erotica-para-se-inspirar.html>. Acesso em: 10 jan. 2020.

LARA, M. L. G. de. Conceitos de organização e representação do conhecimento na ótica do Grupo Temma. **Informação & informação**, Londrina, v. 16, p. 92-121, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10391/0>> Acesso em: 9 Abr. 2019.

LANGRIDGE, D. **Classificação**: abordagem para estudantes de Biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

LENTINO, N. **Guia teórico, prático e comparado dos principais sistemas de classificação bibliográfica**. São Paulo: Polígono, 1971. 409p.

LIMA, V. M. A. **Da classificação do conhecimento científico aos sistemas de recuperação de informação**: enunciação de codificação e enunciação de decodificação da informação documentária. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-06032006-150120/>. Acesso em: 20 abril 2019.

LIMA, J. L. O., Alvares, L. Organização e representação da informação e do conhecimento. *In: Organização e representação da informação e do conhecimento*: conceitos, subsídios e interdisciplinares e aplicações. Jandira, SP: B4 Editores. p.21 – 48.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, G. K. **Institucionalização cognitiva e social da Organização e Representação do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil**. 2014. 182 f. TESE (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

MARTINS, G. K.; CORTEZ, G. R. A representação da informação e do conhecimento e as representações sociais: intersecções e limites. *In: ALBUQUERQUE, M. E. B; MARTINS, G. K.; MOTA, D. A. R. (Orgs.). Organização e representação da informação e do conhecimento*: intersecções teórico-sociais. João Pessoa: Ed. UFPB, 2019. p. 159-182.

MARTINS, J.C; LEAL, M.F. Ética e relações pessoais no ambiente de trabalho. **Docsity**. Disponível em: <https://www.ebah.com.br/content/ABAAABMfIAC/etica>. Acesso em: 22 fev. 2019.

MORAES, E. R. (Org.). **Antologia da poesia erótica brasileira**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

MORAES, E. R.; LAPEIZ, S. M. **O que é pornografia**. São Paulo: Brasiliense, c1984.

MORIGI, V. J.; SOUTO, L. R. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, v.10, n.2, p. 189-206, jan./dez., 2005. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/432/552>. Acesso em: 10 fev. 2019.

MUZART, Z. L. Notas marginais sobre o erotismo: o caderno Rosa de Lori Lamby. [s. l.]: s.n. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/viewFile/17182/15749>. Acesso em: 10 jan. 2019.

OLIVEIRA, M. de. Origens e evolução da Ciência da Informação. *In*: CENDÓN, Beatriz Valadares *et al.* **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. p. 9-28.

OLIVEIRA, R. P. de. **CDD X CDU: uma análise comparativa em bibliotecas universitárias**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário de Formiga – UNIFOR/MG. Curso de Biblioteconomia. Formiga, 2009.

PIEIDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1977. 190 p.

PIEIDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

PINHEIRO, M. do S. Erotismo, poesia e ensino: uma relação possível. **Revista Leia Escola**, Campina Grande, v.18, n.3, 2018.

RASCHE, F. Questões éticas para bibliotecários. **Enciclopédia de Biblioteconomia: Revista Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n.19, 1. sem. 2005.

RIBEIRO, A. G. A. Poesia em carne, sangue e esperma: erotismo e religiosidade na lírica de Adélia Prado. **Estação literária**, Londrina, Vagão-v. 2, 2008, p. 105-112. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/25142/18408>. acesso em: 10 jan. 2019.

RICHARDSON, R. J, *et al.* **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 2008.

SALES, R. de. **Tesouros e ontologias sob a luz da teoria comunicativa da terminologia**, 2008. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92173>. Acesso em: 10 fev. 2019.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SILVA, J. F. M. da. O impacto tecnológico no exercício da profissão. *In*: VALENTIM, Marta Lígia. **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004. p. 83 – 96.

SILVA, O. P. da; GANIM, F. **Manual da CDU**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1994.

SOARES, Afrânio Pedroso. O Bolero de Ravel: erotismo e morte em "O Corpo", de Clarice Lispector. **Macabéa: Revista Eletrônica do Netlli** | v.9., n.3., Jul. - Set.2020, p. 220-242. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/2392>. Acesso em: 12 ago. 2020.

SOUSA, L. P. de. **A literatura erótica e seus processos de classificação**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Ceará. Curso de Biblioteconomia. Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://www.repositoriobib.ufc.br/00000A/00000A9A.pdf> Acesso em: 10 fev. 2019.

SOUZA, S. de. **CDU: como entender e utilizar a edição-padrão internacional em Língua Portuguesa**. 3.ed. rev. atual. Brasília: Thesaurus, 2004. 108p.

SOUZA, F. das C. de. Formação de Bibliotecários para uma Sociedade Livre. Encontro de Biblioteconomia: **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n.11, jun. 2001.

SOUZA, R. R. Sistemas de Recuperação de Informações e Mecanismos de Busca na web: panorama atual e tendências. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.11 n.2, p. 161 -173, mai./ago. 2006.

TÁLAMO, M. F. M.; LARA, M. L. G.; KOBASHI, N. Y. Vamos perseguir a informação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 52-57, set./dez. 1995.

TAYLOR, T. **A pré-história do sexo: quatro milhões de anos de cultura sexual**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

TARGINO, M. das G. Quem é o profissional da informação? **Transinformação**, Campinas, v. 12, n. 2, p.61-69, jul./dez. 2000.

TRISTÃO, A. M. D.; FACHIN, G. R. B.; ALARCON, O. E. Sistema de classificação facetada e tesouros: instrumentos para organização do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 161-171, 2004.

TRISTÃO, A. M. D.; FACHIN, G. R. B.; ALARCON, O. E. Sistemas de classificação facetados e tesouros: instrumentos para organização do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 161-171, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1058/1142>. Acesso em: 10 fev. 2019.

VERGUEIRO, W. de C. S. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, n.22, jan./abr.1993.



## APÊNDICES

### APÊNDICE A – CLÁSSICOS DA LITERATURA ERÓTICA CLASSIFICADOS A PARTIR DA TABELA CLASSIFICATIVA PARA TAIS OBRAS

<b>SÍNTESE</b>	
Obra: Decameron	CDD: 808.803.538.3
Autor: Giovanni Boccacci	
<p>Escrita entre 1349 y 1351, es una colección de cien cuentos de variada procedencia donde el autor muestra su inigualable destreza de narrador, perspicacia psicológica, certera pincelada satírica y magnífica descripción de las costumbres de aquel tiempo. Los cuentos son relatados por un grupo de diez jóvenes que se retiran a las afueras de Florencia para protegerse del contagio de la peste que asolaba la ciudad; allí, durante diez días, cada uno de ellos tiene que gestionar una jornada y todas sus actividades; entre éstas destacan especialmente las reuniones donde, para pasar el tiempo, los presentes tienen que contar un cuento. Los temas son muy variados, abundan los licenciosos, pero también se narran historias sentimentales, trágicas y moralizantes.</p>	
Fonte: <a href="http://www.saraiva.com.br">www.saraiva.com.br</a>	
Classificação: NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 10 ANOS	Acesso: LIVRE

<b>SÍNTESE</b>	
Obra: Os 120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem	CDD: 808.803.538.3
Autor: Marquês de Sade	
<p>Principal obra de Sade e o mais conhecido e inigualável registro da literatura pornográfica, Os 120 dias de Sodoma ainda hoje desperta o interesse e a perplexidade de quem cruza seu caminho. Neste romance perturbador, pensado por Sade como sua grande obra, quatro amigos se isolam em um castelo na Floresta Negra para ouvir de quatro alcoviteiras histórias de sua vida nos bordéis e as taras de seus clientes. Para encenarem esta experiência sadomasoquista da qual ninguém sairá imune, os libertinos contam com as esposas, filhas e um séquito de jovens, todos obrigados a se submeter às paixões ali descritas. Escrito em 1785 durante uma temporada de prisão na Bastilha,</p>	

este escandaloso relato permaneceria clandestino até 1904, ano de sua primeira publicação. Nem a perseguição de seu autor, nem sua censura sistemática foram suficientes para conter a avassaladora influência que tal catálogo de perversões teve sobre incontáveis leitores ao longo dos dois séculos seguintes, entre eles Roland Barthes, Simone de Beauvoir, Theodor Adorno e Samuel Beckett. Brillantemente traduzida por Rosa Freire d’Aguiar, esta edição inclui um posfácio de Eliane Robert Moraes, que levanta uma questão mais do que pertinente: estaríamos nós, enfim, prontos para ler um dos livros mais controversos de todos os tempos?

Fonte: [www.saraiva.com.br](http://www.saraiva.com.br)

Classificação: NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS	Acesso: RESTRIÇÃO PELA FAIXA ETÁRIA
--	-------------------------------------

## SÍNTESE

Obra: **Lolita**

CDD: 808.803.538.3

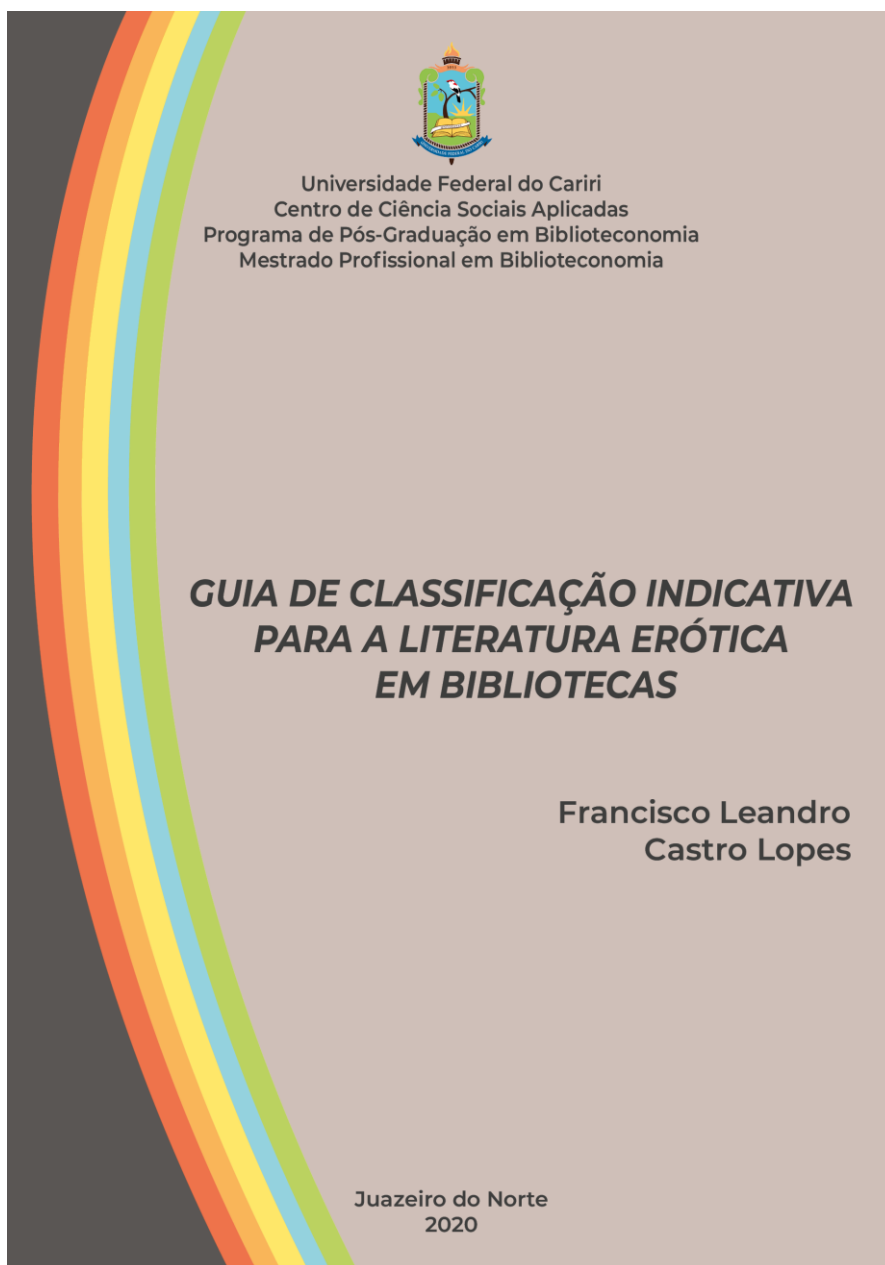
Autor: Vladimir Nabokov

Lolita é um dos mais importantes romances do século XX. Polêmico, irônico, tocante, narra o amor obsessivo de Humbert Humbert, um cínico intelectual de meia-idade, por Dolores Haze, Lolita, 12 anos, uma ninfeta que inflama suas loucuras e seus desejos mais agudos. A obra-prima de Nabokov, agora em nova tradução, não é apenas uma assombrosa história de paixão e ruína. É também uma viagem de redescoberta pela América; é a exploração da linguagem e de seus matizes; é uma mostra da arte narrativa em seu auge. Através da voz de Humbert Humbert, o leitor nunca sabe ao certo quem é a caça, quem é o caçador. Nabokov compôs a maior parte do manuscrito — que ele mesmo chamou de “bomba-relógio” — entre 1950 e 1953. Nos dois anos seguintes, ouviu recusas de cinco editoras norte-americanas (“pura pornografia”, disse-lhe uma). Em 1955, foi finalmente aceito por uma obscura editora francesa, a Olympia Press. Em junho, assinou o contrato; em outubro, recebeu os primeiros exemplares, cheios de erros tipográficos. O livro inicialmente não foi bem-recebido; uma revista pensou em publicar trechos, mas foi desaconselhada por advogados. No início de 1956, sua sorte mudou. Graham Greene havia colocado Lolita entre os melhores livros de 1955 numa edição do Sunday Times. A repercussão cresceu; em agosto de 1958, foi finalmente publicado nos EUA. Em setembro, alcançou o primeiro lugar na lista de mais vendidos. O sucesso faria com que

Nabokov deixasse de dar aulas para viver apenas de sua literatura. “Num primeiro momento, a conselho de um velho e calejado amigo, tive a humildade de estipular que o livro deveria ser lançado anonimamente. Duvido que eu jamais vá me arrepender de pouco depois, percebendo o quanto a máscara tenderia a trair minha causa, eu ter decidido assinar Lolita”, escreve o autor no posfácio. No texto, escrito em 1956 para a edição americana, Nabokov faz esta e outras reflexões sobre sua motivação para escrever Lolita, a gênese da obra, a dificuldade para publicá-la e sua polêmica repercussão. Sobre as acusações de imoralidade, o autor escreve: “Lolita não traz a reboque moral alguma. Para mim, uma obra de ficção só existe na medida em que me proporciona o que chamarei sem rodeios de prazer estético, isto é, a sensação de que de algum modo, em algum lugar, está conectada a outros estados da existência em que a arte (a curiosidade, a gentileza, o êxtase) é a norma. Não existem muitos livros assim.” “Antiamericano” foi outro adjetivo atribuído à obra: “Isto é algo que me dói consideravelmente mais que a acusação idiota de imoralidade. (...) Considerações de profundidade e perspectiva (um gramado nos subúrbios, uma campina nas montanhas) levaram-me a construir uma variedade de cenários norte-americanos. (...) Só escolhi os motéis americanos em vez de hotéis suíços ou estalagens inglesas porque estou tentando ser um escritor americano e reivindico os mesmos direitos concedidos aos outros escritores americanos. (...) E todos os meus leitores russos sabem que meus velhos mundos — russo, britânico, alemão, francês — são tão fantasiosos e pessoais quanto o meu novo.” Sua Lolita, segundo Nabokov, não foi inspirada em nenhuma personagem real, muito menos o sedutor de meia idade Humbert Humbert. “Lolita é ficção da minha imaginação. Quando pensei no tema, não pensei em nenhuma garota especificamente. Na verdade, eu não conheço meninas tão bem, apenas as havia encontrado socialmente ao longo da vida. Humbert também nunca existiu. É um homem que eu inventei, um homem com uma obsessão, assim como muitos dos meus personagens sofrem de algum tipo de obsessão. Enquanto eu escrevia o livro, vários casos de homens mais velhos perseguindo jovens garotas começaram a ser publicados nos jornais, mas eu encarava isso apenas como uma interessante coincidência”, declarou o autor em entrevista a BBC inglesa concedida em 1962. Mas uma das melhores definições da obra-prima é mesmo do próprio autor. Ainda no posfácio de 1956, Nabokov usa a seguinte metáfora para explicar sua relação com o livro mais famoso: “Todo escritor sério, atrevo-me a afirmar, percebe este ou aquele livro que publicou como uma presença permanente e reconfortante. Sua chama-piloto está sempre acesa em algum ponto do porão, e basta um toque aplicado a nosso termostato particular para provocar uma pequena e discreta explosão de

calor familiar. (...).”	
Fonte: www.saraiva.com.br	
Classificação: NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS	Acesso: RESTRIÇÃO PELA FAIXA ETÁRIA
SÍNTESE	
Obra: <b>O crime do Padre Amaro</b>	CDD: 808.803.538.3
Autor: Eça de Queirós	
Obra publicada em 1875 em Portugal foi alvo de grandes críticas da Igreja Católica, pois Eça de Queiroz pesquisou para retratar fatos que aconteciam naquela época. A trama narra a história de Amaro um padre que não tinha vocação para o sacerdócio e o celibato que conhece a jovem Amélia por quem se apaixona perdidamente.	
Fonte: www.saraiva.com.br	
Classificação: NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 14 ANOS	Acesso: RESTRIÇÃO PELA FAIXA ETÁRIA

APÊNDICE B – GUIA DE CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA PARA LITERATURA ERÓTICA EM BIBLIOTECAS





Universidade Federal do Cariri  
Centro de Ciências Sociais Aplicadas  
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia  
Mestrado Profissional em Biblioteconomia

**GUIA DE CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA  
PARA A LITERATURA ERÓTICA  
EM BIBLIOTECAS**

Francisco Leandro  
Castro Lopes

Juazeiro do Norte  
2020

Nunca devemos admitir  
como causa daquilo que não  
compreendemos algo que ainda  
entendemos menos.

Marquês de Sade (1740-1814).

## Sumário

<b>1</b>	<b>Apresentação.....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>Características da Literatura Erótica.....</b>	<b>9</b>
<b>3</b>	<b>Orientações para o uso do Guia .....</b>	<b>10</b>
3.1	Análise da Obra .....	10
3.2	Identificação da notação para representação do número de classificação .....	10
3.3	Aplicação dos critérios de Classificação Indicativa para literatura erótica em bibliotecas.....	11
3.4	Sinalização da obra com fixação de etiquetas indicativas.....	11
<b>4</b>	<b>Sugestões de notações para obras da Literatura Erótica com base na Classificação Decimal de Dewey.....</b>	<b>12</b>
<b>5</b>	<b>Aplicação dos critérios de Classificação Indicativa adaptado do Ministério da Justiça .....</b>	<b>15</b>
<b>6</b>	<b>Tabela de Classificação Indicativa para Literatura Erótica .....</b>	<b>23</b>
<b>7</b>	<b>Sinalização das obras de acordo com a classificação.....</b>	<b>24</b>
	<b>Referências.....</b>	<b>25</b>

Autor  
**Francisco Leandro Castro Lopes**

Orientação  
**Gracy Kelli Martins**

Revisão Técnica  
**Pedro Henrique Alves do Nascimento**

Capa  
**Hemerson Soares da Silva**

Editoração  
**Hemerson Soares da Silva**

Dados internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Cariri  
Sistema de Bibliotecas

L85g Lopes, Francisco Leandro Castro.  
Guia de classificação indicativa para a literatura erótica em bibliotecas / Francisco Leandro Castro Lopes; Revisão Técnica: Pedro Henrique Alves do Nascimento; Capa: Hemerson Soares da Silva; Editoração: Hemerson Soares da Silva. – 2020. 26 p.: il.  
Guia de Classificação (Mestrado) – Universidade Federal do Cariri, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Cariri, Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Mestrado Profissional em Biblioteconomia, Juazeiro do Norte, 2020. Orientação: Profª. Dra. Gracy Kelli Martins.  
1. Representação da Informação. 2. Literatura Erótica. 3. Classificação Bibliográfica. 4. Indexação. 5. Classificação Indicativa – faixas etárias. I. Martins, Gracy Kelli. II. Nascimento, Pedro Henrique Alves do. III. Silva, Hemerson Soares da. IV. Título.

CDD 025.3

Índice para Catálogo Sistemático

CDD 869.933

Bibliotecário: João Bosco Dumont do Nascimento – CRB 3/1355



# 1 Apresentação

Este Guia é fruto de uma pesquisa de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Cariri, destina-se aos profissionais em Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação, e trata dos processos de representação da informação da literatura erótica, sua definição e como lidar com ela de maneira ética, principalmente a partir das práticas profissionais, visando a melhor forma de realizar a sua classificação, garantindo a identificação, o acesso e o uso dessas obras, mediante suas especificidades.

O Guia de Classificação Indicativa para a Literatura Erótica em Bibliotecas tem como objetivo ajudar os bibliotecários na classificação desse gênero literário, auxiliando aqueles que possuem dificuldade de lidar com a identificação da temática e na decisão de sua inserção no acervo, em acordo com a instituição, quando for o caso.

É importante frisar que o tratamento de obras eróticas exige maior atenção quanto ao seu processo de classificação, o que indica uma análise mais minuciosa para identificação do seu conteúdo. É necessário observar a classificação adotada tanto quanto à linguagem, como quanto às ilustrações. Nesse sentido, o processo de representação da informação se ancora em instrumentos de classificação/ indexação utilizados para atribuir códigos que indicarão a classe temática das obras. Esses instrumentos expressarão os conteúdos de acordo com o contexto da representação, que deve, em primeiro lugar, considerar o usuário, seus interesses e seu perfil etário e de formação. Essas observações são os principais princípios em observância de uma ética nos processos de representação da informação, garantido que não haja silenciamento da informação e nem seja tolhido o direito de acesso de cada usuário, de acordo com seu perfil.

Reconhecendo a literatura erótica como uma produção literária como as demais, e pautado em uma pesquisa que indica que as bibliotecas não representam estas obras de acordo com sua temática, esse Guia aponta orientações tornando possível classificá-las na condição de fontes de conhecimento, para que estejam acessíveis ao público que tem interesse e para os que ainda não a conhecem, adotando recomendações de classificação, permissão de acesso (quanto à faixa etária) e identificação visual, a partir da atribuição de etiquetas para sinalização dos níveis indicativos.

Na sequência, faz-se uma breve explanação sobre as características que indicam uma obra de literatura erótica e são descritas orientações de uso deste Guia. Observadas as orientações, são apresentados os critérios para a Classificação Indicativa das obras eróticas, adaptados a partir da Classificação Indicativa para materiais audiovisuais do Ministério da Justiça, e sugerido a adoção de etiquetas para uma sinalização que consiste em indicar a idade não recomendada, no intuito de garantir o acesso às obras com ética e responsabilidade. Na quarta seção, são apresentadas possibilidades de notações com base na Classificação Decimal de Dewey, direcionadas para literatura erótica. Com exceção desta seção, este Guia poderá ser adotado para qualquer sistema de classificação bibliográfica.

## 2 Características da Literatura Erótica

A **literatura erótica** é o gênero literário que utiliza o erotismo em forma escrita para despertar ou instruir o leitor a partir de descrições sensuais de práticas sexuais. Em sua maior parte, é classificada como gênero literário romance, embora alguns dos grandes clássicos eróticos estejam em forma de conto ou poesia. O erotismo é relacionado à inspiração vinda das relações humanas íntimas e nem sempre apresenta descrição pormenorizada de atos sexuais.

Segundo Gomes e Carvalho (2017), os textos eróticos são vistos como algo libertino por um público que os criticam e pormenorizam, e comumente são tratados com pouco ou nenhum cunho artístico, sem que haja consideração em suas poesias ricas em imaginação, que são expressas por palavras, onde os escritores exageram em uma descrição fantasiosa, ultrapassando o realismo e tornando a obra excêntrica com a intenção de aguçar o imaginário e mexer com íntimo do leitor, baseados numa escrita licenciosa (sensual), voltada exclusivamente ao desejo sexual e ao amor.

## 3 Orientações para o uso do Guia

### 3.1 Análise da Obra

Para se chegar à Classificação Indicativa para uma obra erótica, sugere-se que sejam seguidos os seguintes passos:

- 1º passo:** Realizar uma leitura prévia da obra, analisando a apresentação, o sumário, o índice e/ou resumo e as informações adicionais nas orelhas e contracapa do livro;
- 2º passo:** Pesquisar sobre o autor, o contexto de criação e a história da obra;
- 3º passo:** Verificar se a obra sinaliza a faixa etária de leitura, já indicada pela editora.

### 3.2 Identificação da notação para representação do número de classificação

Neste Guia, apresentamos possíveis notações com base na Classificação Decimal de Dewey para atribuição da classificação. As notações, previamente estruturadas, poderão representar a obra de acordo com os gêneros e estilos da literatura erótica.

### 3.3 Aplicação dos critérios de Classificação Indicativa para literatura erótica em bibliotecas

Após identificar a obra a ser inserida com a classificação de Literatura Erótica, é necessário verificar o perfil do usuário da biblioteca, que procura (e pode ter acesso) por esse assunto, a partir de então, sugere-se a consulta à **Aplicação dos critérios de Classificação Indicativa para literatura erótica em bibliotecas**, descrita na seção 4 deste Guia, que foi adaptada a partir da Classificação Indicativa do Ministério da Justiça do Brasil, em seu item B – Sexo e Nudez, visando contribuir para o reconhecimento do nível do conteúdo da obra em relação à faixa etária, à Classificação Indicativa, às características e ao acesso.

### 3.4 Sinalização da obra com fixação de etiquetas indicativas

As etiquetas possuem, além da cor indicativa, o número relativo à idade mínima permitida para acesso ao conteúdo da obra. A etiqueta poderá ser fixada na lombada, na capa ou no interior do livro, de acordo com a decisão de exposição ou descrição que a instituição queira adotar para que os usuários tenham conhecimento dos limites de acesso.

## 4 Sugestões de notações para obras da Literatura Erótica com base na Classificação Decimal de Dewey

Visando um direcionamento para se chegar à classificação que melhor se adequa ao material informacional, e evidenciando as notações científicas específicas da literatura erótica com desdobramento do estilo e/ou gênero abordado, no formato da 23ª edição da CDD, tem-se:

- Notação principal para Literatura erótica: **808.803.538**;
- Notação para estilos e gêneros literários da literatura erótica:
  - .1 (poesia)
  - .2 (teatro)
  - .3 (conto, crônica, novela ou romance)
  - .888 (prosa).

Para formação da notação usa-se:

- Número de classificação da literatura erótica + número de classificação do gênero/estilo literário. Exemplo: (808.803.538 + .1) = Literatura erótica em poesia.

Obtêm-se as seguintes classificações para os tipos de obras eróticas:

- a) POESIA – 808.803.538.1
- b) PROSA – 808.803.538.888
- c) TEATRO – 808.803.538.2

- d) CONTO – 808.803.538.3
- e) CRÔNICA – 808.803.538.3
- f) NOVELA – 808.803.538.3
- g) ROMANCE – 808.803.538.3

### Observação 1

Essas classificações são registradas de forma direta para o uso nos sistemas de cadastros de obras das bibliotecas.

Além de classificar a obra pelo estilo e/ ou gênero, caso haja o interesse em indicar a nacionalidade da obra, é necessário remeter-se à Classe 800 (Literatura e Retórica) da CDD, partindo da literatura americana (810) à literatura africana (896), que aponta a classificação específica para a literatura de cada país. Como exemplo, selecionando uma obra da literatura brasileira (869), que tenha temática erótica, tem-se:

- Notação principal para literatura brasileira: 869/ B869;
- Notação principal para Literatura erótica brasileira: 869.803.538/B869.803.538.

Obtém-se:

- Notação para estilos e gêneros literários da literatura erótica brasileira: (Número para literatura erótica brasileira + número da forma. Exemplo: 869.803.538 + 91 = Literatura erótica brasileira em poesia).

Logo abaixo, uma síntese das literaturas e linguagens de países demonstrados na CDD:

- a) POESIA – 869.803.538.91/ B869.803.538.91
- b) PROSA – 869.803.538.888/ B869.803.538.888
- c) TEATRO – 869.803.538.92/ B869.803.538.92
- d) CONTO – 869.803.538.93/ B869.803.538.93
- e) CRÔNICA – 869.803.538.93/ B869.803.538.93
- f) NOVELA – 869.803.538.93/ B869.803.538.93
- g) ROMANCE – 869.803.538.93/ B869.803.538.93

**Observação 2**

Estão sendo mostradas as classificações de forma direta. A letra B no início de algumas anotações é utilizada para indicar a língua que pertence, nesse caso é a brasileira.

## 5 Aplicação dos critérios de Classificação Indicativa adaptado do Ministério da Justiça

Esses critérios irão demonstrar que para um texto de teor erótico, deve-se levar em consideração a faixa etária para o acesso a um determinado conteúdo, de acordo com o teor das descrições e imagens presentes na obra.



### A - LIVRE

São admitidos para esta faixa etária conteúdos que apresentem:

- Nem sempre a ocorrência de textos que remetem a sexo ou nudez é prejudicial ao desenvolvimento psicológico da criança.

#### A.1 NUDEZ NÃO ERÓTICA

- Nudez, de qualquer natureza, desde que descrita ou exposta sem apelo sexual, tal como em contexto científico, artístico ou cultural;
- Também entram nesta categoria, a nudez infantil e as situações de autópsia e outros procedimentos médicos, desde que não associadas, em cada caso, a atos de pedofilia ou ao caráter sexual.

**Exemplo:** um livro que descreva e/ou apresente imagens que mostram a realidade de uma tribo indígena, em que as pessoas convivem nuas.

10

#### B - NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 10 ANOS

São admitidos para esta faixa etária conteúdos que apresentem:

##### B.1 CONTEÚDO EDUCATIVO SOBRE SEXO

- Diálogos e imagens não estimulantes sobre sexo que estejam dentro de contexto educativo ou informativo.

**Exemplo:** um livro que descreva o sistema reprodutor humano.

12

#### C - NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 12 ANOS

São admitidos para esta faixa etária conteúdos que apresentem:

##### C.1 APELO SEXUAL

- Textos que apresentem diálogos estimulantes, manifestações de desejo ou provocações de caráter sexual;
- A sexualização deve ser latente, seja pela valorização descritiva de alguma característica física ou alguma

qualidade sexual do indivíduo;

- Nestes casos, o contexto erótico não é estimulado ativamente pela personagem enfocada.

**Exemplo 1:** alguns personagens olham para as nádegas de uma mulher que passa por eles, demonstrando interesse sexual.

**Exemplo 2:** um personagem comenta com outro: "Nossa! Como ela é gostosa!".

##### C.2 CARICIA SEXUAL

- Cenas descritas em que os personagens se acariciam e a sexualização está presente, mas a ação não resulta em relação sexual. A tendência, portanto, ocorre quando há uma descrição mais precisa das carícias mais contundentes, em que fique clara a não consecução do ato ou da insinuação sexual.

**Exemplo:** em um quarto, um casal se acaricia de forma intensa. Porém, eles são interrompidos pela chegada de uma terceira pessoa, o que inviabiliza a consecução do ato sexual e não descrição de tal ato, apenas a insinuação.

##### C.3 INSINUAÇÃO SEXUAL

Por diálogos, imagens e/ou contextos que deixem subentendido que há interesse, haverá ou já aconteceu ato sexual.

**Exemplo 1:** um casal se beija, começa a tirar a roupa e se deita na cama. A cena é cortada antes que o ato possa ser descrito.

**Exemplo 2:** narra um casal no quarto que se acariciam, porém, com aparecimento de alguém, param o que estão fazendo.

##### C.4 LINGUAGEM CHULA

- Diálogos, narrações ou imagens gráficas que apresentem

palavras chulas ou de baixo calão. São declarações ofensivas geralmente relacionadas a sexo, excrementos e órgãos sexuais;

- Não se encaixam nessa situação os termos como: nádegas, pênis e vagina.

**Exemplo:** m\*rda, c\*, b\*ceta, p\*rra, p\*ta, etc.

#### C.5 LINGUAGEM DE CONTEÚDO SEXUAL

- Diálogos, narrações ou imagens gráficas sobre sexo, sem que haja apresentação de vulgaridades. Os termos descrevem a prática do ato sexual ou do comportamento sexual, sem que a sua descrição seja detalhista e/ou banalizada.

**Exemplo 1:** dois personagens conversam: "Vocês dois transaram mesmo? Quando foi isso?".

**Exemplo 2:** por meio de uma descrição de sinais gestuais, um personagem insinua que uma relação sexual está ocorrendo.

#### C.6 MASTURBAÇÃO

- Descrição não explícita de masturbação individual. Não há de se falar na tendência quando o indivíduo recebe a ajuda de outra pessoa na realização do ato (sexo manual).

**Exemplo:** apresenta-se o plano médio de homem no banheiro e, pela descrição da cena (movimento de mão na região pélvica), deixa claro que ele se masturba.

#### C.7 NUDEZ VELADA

- Nudez sem detalhamento de nus frontais (pênis, vagina), seios ou nádegas, ou seja, em que as partes íntimas dos indivíduos não são descritas, desde que haja um contexto sexual.

**Exemplo:** é descrita uma cena em que os seios nus de uma personagem são mencionados sem ênfase, mas que permitem o entendimento de que estavam à mostra.

#### C.8 SIMULAÇÃO DE SEXO

- Imagens ou narrações em que sejam descritos quaisquer tipos de relação sexual, de forma farsesca, sem que seja contemplado o ato sexual em si. Tratam-se, em outras palavras, de textos que relatam que os personagens estão no ato sexual.

**Exemplo:** dois personagens mencionam o ato sexual, para constranger um amigo, sem que este seja consumado.

14

#### D - NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 14 ANOS

São admitidos para esta faixa etária conteúdos que apresentem:

##### D.1 EROTIZAÇÃO

- Apresentação de imagens ou diálogos de textos eróticos, sensuais ou sexualmente estimulantes, tais como descrições de strip-teases e danças eróticas;
- Nestes casos, o contexto erótico é estimulado ativamente pela personagem enfocada.

**Exemplo 1:** descreve um homem realizando um strip-tease.

**Exemplo 2:** narra uma mulher que se insinua, ficando apenas de biquíni para seduzir outra pessoa, também se relata gestos

sexualmente estimulantes para provocar seu parceiro.

#### D.2 NUDEZ

- Textos em que são especificados seios, nádegas e/ou órgãos genitais, sempre que esteja presente o contexto sexual ou a valorização do enquadramento.

**Exemplo 1:** narra uma pessoa trocando de roupa, enquanto outra a observa. Os órgãos genitais ficam à mostra e o texto descreve isso com clareza.

**Exemplo 2:** diz que um personagem está tomando banho e o enfoque está em seus órgãos genitais, mencionando-os.

#### D.3 PROSTITUIÇÃO

- Apresentação de qualquer etapa do ato da prostituição como sedução/conquista, oferecimento, contratação, prática sexual ou pagamento.

**Exemplo:** enfatiza um homem que para o carro na rua e uma prostituta se aproxima, revela seu preço e entra no automóvel.

#### D.4 RELAÇÃO SEXUAL

- Relata qualquer modalidade de sexo (vaginal, anal, oral e/ou manual) não explícito.

**Exemplo:** descreve um casal que mantém uma relação sexual, mas não é possível saber se há penetração.

#### D.5 VULGARIDADE

- Imagens, diálogos ou textos que apresentem a sexualidade de maneira detalhada ou vulgar. Existe a valorização do conteúdo sexual ou a banalização da linguagem imprópria, de forma que o impacto para o leitor é mais intenso.

**Exemplo 1:** na obra um jovem menciona o ato sexual, descrevendo a prática de forma incisiva, afirmando: "Vou colocar meu p\*\* na sua b\*ceta e depois fazer você gozar".

**Exemplo 2:** ao descrever uma experiência sexual, um jovem detalha o ato sexual performático, ainda que com termos técnicos.

16

### E - NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 16 ANOS

São admitidos para esta faixa etária conteúdos que apresentem:

#### E.1 RELAÇÃO SEXUAL INTENSA

- Texto com diálogo de longa duração, em que é apresentada qualquer modalidade de sexo (vaginal, anal, oral, manual) não explícito. Neste caso, o ato sexual é descrito de forma verossímil e contundente.

**Exemplo:** fala de um casal que mantém uma relação sexual de longa duração, em que são enaltecidos alguns detalhes, como suor, movimentos típicos do coito ou orgasmos, não sendo possível o relato da penetração, de feições ou de masturbações.



18

**D - NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS**

São admitidos para esta faixa etária conteúdos que apresentem:

**F.1 SEXO EXPLÍCITO**

- Descrição de relação sexual explícita, de qualquer natureza, inclusive da masturbação, incluindo as reações realistas dos participantes do ato sexual e/ou o detalhamento dos órgãos sexuais. Não ocorre exclusivamente em obras pornográficas.

**Exemplo:** uma mulher abre as calças de um homem, acaricia seu pênis e o introduz em sua vagina.

**F.2 SITUAÇÃO SEXUAL COMPLEXA/DE FORTE IMPACTO**

- Enfatiza atos ou situações sexuais, tais como incesto (apresentação de cenas de sexo ou relações erótico-afetivas entre parentes de primeiro grau ou correlatos, como pai, mãe, irmão, padrasto, enteado etc.), sexo grupal, fetiches violentos, zoofilia, necrofilia ou coprofilia.

**Exemplo:** é descrita uma cena de sexo grupal.

## 6 Tabela de Classificação Indicativa para Literatura Erótica

A tabela abaixo apresenta uma síntese que relaciona a faixa-etária, a Classificação Indicativa, as características da obra classificada e o acesso. As cores correspondem tanto à faixa-etária quanto à Classificação Indicativa. Essa tabela poderá ser fixada em um local onde possibilite a consulta pelos usuários, a fim de compreenderem melhor a sinalização das etiquetas ou apenas para uso do bibliotecário quanto ao controle de acesso.

**Tabela de Classificação Indicativa para Literatura Erótica**

Faixa etária	Classificação indicativa	Características	Acesso
L	Livre	Expõe crianças e conteúdos textuais e/ou imagens potencialmente prejudiciais	Livre
10	Não recomendado para menores de 10 anos	Conteúdo violento ou linguagem imprópria para crianças ainda que em menor intensidade	Livre
12	Não recomendado para menores de 12 anos	Linguagem sexual mais acentuada	Livre com restrição a faixa etária
14	Não recomendado para menores de 14 anos	Conteúdos mais violentos e/ou linguagem sexual mais acentuada	Restrição pela faixa etária
16	Não recomendado para menores de 16 anos	Conteúdo sexual mais intenso, com descrição de tortura, estupro e nudez total	Restrição pela faixa etária
18	Não recomendado para menores de 18 anos	Conteúdos violentos e sexuais extremos, contendo relatos, descrição ou imagens de sexo, incesto, tortura, mutilação ou abuso sexual	Restrição pela faixa etária

Fonte: Adaptado da Classificação Indicativa do Ministério da Justiça (Brasil) pelo autor.

## 7 Sinalização das obras de acordo com a classificação

## Referências

Seguidos os passos anteriores, sugere-se que as obras sejam sinalizadas, facilitando assim que o usuário reconheça quais títulos estarão disponíveis para empréstimo e auxiliando o bibliotecário no reconhecimento das obras para que permita o acesso adequadamente e com segurança. A proposta visa a adoção das etiquetas coloridas nas lombadas ou em alguma parte das obras impressas, conforme os critérios de análise, para indicar assim a todos que se trata de uma literatura erótica, ou não acessível para determinada idade. As etiquetas podem ser melhor descritas utilizando a tabela anterior, para que o usuário tenha conhecimento das permissões em relação aos livros sinalizados.

### Etiquetas para a Classificação Indicativa em obras eróticas



Fonte: Ministério da Justiça (2018).

BRASIL. Ministério da Justiça. Classificação indicativa: informação e liberdade de escolha. Brasília: MJ, 2009. Disponível em: [http://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao/cartilh\\_informacaoliberdadeescolha.pdf](http://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao/cartilh_informacaoliberdadeescolha.pdf). Acesso em: 10 jan. 2019.

DEWEY, Melvil. **Dewey decimal classification and relative index**. 23. ed. Dublin, Ohio: OCLC, 2011. 4 v.

GOMES, Maitê Celly da Silva; CARVALHO, Luciana Moreira. Literatura erótica em blogs: análise do universo feminino nos blogs de literatura erótica. **Rev. Inf. na Soc. Contemp.**, Natal, RN, v. 1, n. 3, p. 1-19, jul./dez. 2017.

